PARA TODOS...

ANNO XI — NUM. 557 17 AGOSTO 1929 PREÇO 1$

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000. 6 mezes, 25$000. Extrangeiro -1 anno, 85$000. 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

Os Olhos de Lina

O tenente Jym, da armada ingleza, era nosso amigo. Quando entrou na Companhia Ingleza de Vapores, nós o viamos todos os mezes e, ás vezes, passavamos com elle uma ou outra noite de franca pagodeira. Jym passára grande parte da sua mocidade na Noruega e era um insigne bebedor de "whisky" e de absyntho; quando sob a influencia da bebida, tinha a mania de cantar com voz de stentor lindas balladas inglezas ou escandinavas, que depois nos explicava. Uma tarde, fomos nos despedir delle no seu camarote, pois no dia seguinte o vapor zarparia para São Francisco. Jym não podia cantar na cama, com a sua voz do costume, por motivos de disciplina naval, e então resolvemos passar o serão contando historias uns aos outros, relatando-nos aventuras da nossa vida errante, e temperando as narrativas com repetidos goles de licor. A's duas horas da madrugada, nós, as visitas de Jym, terminámos as narrações; só faltava Jym, e exigimos que contasse a sua. Jym acommodou-se num sofá; poz uma garrafa de absyntho e outra de agua, em uma mesinha proxima; accendeu um cigarro e poz-se a falar do seguinte modo:

— Não lhes vou referir uma ballada, nem uma legenda do Norte, como em outras occasiões; hoje, trata-se de uma historia veridica, de um episodio de minha vida de noivo. Já sabem que até dois annos passados, vivi sempre na Noruega; por parte de mãe, sou nirueguez, mas meu pae fez-me subdito inglez.

Na Noruega, casei-me. Minha esposa chama-se Axelina ou Lina, como eu a chamo, e, quando tiverem a vontade de fazer um passeio pela Christiania, vão á minha casa, que minha esposa lhes fará condignamente as honras da mesma.

Começarei dizendo-lhes que Lina tinha os olhos mais exquisitos e endiabrados do mundo. Tinha dezeseis annos, e eu estava louco de amor por ella, mas dedicava aos seus olhos o odio mais feroz que póde abrigar um coração de homem. Quando Lina os fitava nos meus, eu me desesperava, sentia-me inquieto e com os nervos crispados; parecia-me que alguem me esvaziava uma caixa de alfinetes no cerebro e que elles se espalhavam ao largo da minha espinha dorsal; um frio doloroso galopava pelas minhas arterias, e a epiderme se me eriçava, como succede geralmente ás pessoas ao sahirem de um banho gelado, e a muitas, ao tocar uma fructa pelluda, ao vêr o fio de uma navalha, ao roçar o velludo com as unhas, ao ouvir o frou-frou da seda ou ao olhar uma grande profundidade.

Experimentava essa mesma sensação, fitando os olhos de Lina. Consultei varios medicos amigos sobre esse phenomeno, e nenhum me deu uma explicação; limitavam-se a sorrir, e a dizer-me que não me preoccupasse com o assumpto, que eu era um hysterico, e outras tolices mais. E o peor é que eu adorava Lina, exasperadamente, com loucura, apezar do effeito desastroso que me produziam os seus olhos. E esses effeitos, não se limitavam á tensão algida do meu systema nervoso; havia outra cousa mais maravilhosa ainda e que era a seguinte: quando Lina tinha alguma preoccupação ou passava por certos estados de alma ou physiologicos, eu via passar pelas suas pupillas, ao olhar-me, sob a fórma vaga de "pequenas sombras fugitivas coroadas por pontinhos de luz", as idéas; sim senhores, as idéas. Estas entidades immateriaes e invisiveis que quasi todos nós temos, pois ha muitos que não têm idéas na cabeça, passavam pelas pupillas de Lina, com fórmas inexprimiveis. Disse sombras, porque é a palavra que mais se approxima. Sahiam por detraz da esclerotica, atravessavam a pupilla, e ao chegar á retina scintillavam, e então eu sentia que no fundo do meu cerebro respondia uma dolorosa vibração das cellulas, surgindo, por sua vez, uma idéa no meu espirito. Comparava então os olhos de Lina ao vidro da claraboia do meu camarote, pelo qual via passar, ao anoitecer, os peixes apressados e assustados com a luz da minha lampada, chocando as cabeças contra o vidro macisso, que, espesso e convexo como era, fazia apagadas e disformes as suas silhuetas. Cada vez que via as idéas reflectidas nos olhos de Lina, dizia-me a mim mesmo: "Já estão passando os peixes!" — Apenas estes atravessavam as pupillas de minha amada, de um modo singular.

Mas, eu não tenho ornho ordem na minha narração. Falei-lhes do phenomeno, sem lhes ter descripto os olhos e as bellezas da minha Lina. Lina é morena e pallida; seus cabellos macios enroscam-se na nuca, com uma graça tão adoravel que nunca belleza de mulher alguma me seduziu tanto como o pescoço de Lina, submergindo na sedosa negrura dos cabellos. Os labios, quasi sempre entreabertos, porque o labio superior era um pouquinho curto e repuxado, — o que lhe dava certo ar infantil, — eram tão vermelhos que pareciam acostumados a comer morangos ou a beber sangue, e, quando as faces se coloriam, elles, os labios, empallideciam. Sob esses labios, havia uns dentes diminutos, tão brancos, que lhe illuminavam o rosto, quando um raio de luz brincava sobre elles.

Para mim, era uma delicia vêl-a morder cerejas, de boa vontade, eu me teria deixado morder por aquella deliciosa boquinha, se não fossem aquelles olhos endemoninhados, que estavam mais em cima. Esses olhos! Lina — repito — é morena, de cabello, sobrancelhas e pestanas negras. Se a tivessem visto adormecida, eu lhes perguntaria: — De que côr são os olhos de Lina? — e, certamente ter-me-iam respondido: negros. — Que engano! Pois, não senhores; os olhos tinham côr, é claro, mas nem todos os oculistas do mundo, nem todos os pintores acertariam em determinal-os ou reproduzil-os. Eram de um côrte perfeito, rasgados e grandes; debaixo delles, uma linha azulada formava as olheiras e parecia como que a sombra tenue das suas longas pestanas. Até aqui, como vêem, nada de estranho; estes eram os olhos de Lina, fechados ou semi-cerrados; mas, uma vez abertos, e brilhantes as pupillas, começavam as minhas angustias. Ninguem me tirará da cabeça que Mephistapheles tinha um gabinete de trabalho atraz dessas pupillas. Eram de uma côr que fluctuava entre todos os da gamma de tons, e entre as suas mais complicadas combinações.

A's vezes, pareciam-me duas grandes esmeraldas, accesas por traz por luminosos carbunculos. As fulgurações esverdeadas e avermelhadas que lançavam, frisavam-se pouco a pouco e passavam por mil cambiantes, como as bolhas de sabão; depois, vinha uma côr indefinivel, mas uniforme, cobrindo-os todos, e, no meio, palpitava um pontinho de luz, dos mais mortificantes, devido aos tons felinos e diabolicos que tomava. Quando o sangue de Lina fervia-lhe nas veias, ou quando esta estava entregue a tensões nervosas, ou tambem suas irritações, seus

prazeres, seus jogos de espirito, tudo isso se denotava logo, denunciando-se, pela côr que adquiria esse ponto de luz mysteriosa.

Com a continuada convivencia, amando Lina, consegui comprehender alguma cousa dos multiplos resplendores dos seus olhos. Seus sentimentalismos de rapariga romantica eram verdes, suas alegrias, violaceas, seus ciumes, amarellos, e rubros, os seus ardores de mulher apaixonada. O effeito desses olhos em mim era desastroso. Tinham sobre mim um imperio horrivel, e, em verdade, eu sentia a minha dignidade masculina humilhada com essa especie de escravidão mysteriosa, exercida em minh'alma por esses olhos, que odiava como se fossem pessoas. Em vão, buscava resistir; os olhos de Lina subjugavam-me, e eu sentia que me arrancavam a alma para tritural-a e carbonizal-a entre duas chispas desses olhares de Lusbel. Por fim, com a alma ardente de amor e de odio, tinha que baixar o olhar, porque sentia que o meu mecanismo nervoso chegava a contorsões despedaçantes, e que o meu cerebro saltava dentro da cabeça, como um bezouro fechado dentro de um forno.

Não percebia Lina o effeito desastroso que me causavam seus olhos. Todos em Christiania lh'os elogiava por serem lindos, e em ninguem produziam a sensação horrivel que produziam em mim; sómente eu estava destinado a ser a victima delles. Eu tinha então reacções de orgulho: ás vezes, pensava que Lina abusava do poder que tinha sobre mim e se comprazia, humilhando-me; então a minha dignidade masculina se revoltava, vingativa, e, por minha vez, entretinha-me, tyrannizando minha noiva, exigindo-lhe sacrificios, e fazendo-a chorar, á força de mortifical-a. No fundo disto, havia uma intenção que eu procurava realizar, com dissimulação; fazendo Lina chorar, fazia-a fechar os olhos e, fechados os olhos, eu ficava livre das correntes do seu olhar. Mas a pobrezinha ignorava a arma terrivel que tinha contra mim; simples e candida, a boa menina tinha um coração de ouro, adorava-me e obedecia-me. O mais curioso é que eu, odiando os seus lindos olhos, amava-a por causa delles. Mesmo quando sahia vencido, tornava a lutar contra essas terriveis pupillas, com a esperança de vencer.

Quantas vezes as rubras scintillações do amor me faziam o effeito de cem tiros de canhão disparados contra os meus nervos! Por amor proprio, não quiz revelar á Lina a minha escravidão. Os nossos amores deviam ter uma solução, como todos: ou me casava com Lina ou rompia com ella. Esta ultima era impossivel, portanto tinha que me casar com Lina. O que me aterrava era, na vida de casado, a perduração desses olhos que tinham que illuminar terrivelmente a minha velhice. Quando se approximava a época em que devia pedir a mão de Lina a seu pae, um rico armador, a obcessão dos olhos della, era-me insupportavel. A noite, via-os fulgurar como brazas, na escuridão do meu quarto; olhava para o tecto e lá estavam terriveis e obstinados; fitava a parede, e lá estavam elles, incrustados; fechava os olhos e via-os adheridos sobre as minhas palpabras, com uma tal tenacidade, luminosa, que o seu fulgor illuminava o tecido de arterias e veiazinhas da membrana. Por fim, exhausto, eu dormia, e os olhos de Lina enchiam-me o somno de rêdes que me apertavam e me estrangulavam a alma. O que fazer? Formei mil planos; mas, não sei se por orgulho, amor ou por uma noção do dever, muito gravada no meu espirito, nunca pensei em renunciar a Lina.

No dia em que a pedi, Lina estava satisfeitissima. Oh, como brilhavam os seus olhos, endiabradamente! Apertei-a em meus braços, delirante de amor, e, ao beijar-lhe os labios, tive que fechar os olhos, quasi desmaiado.

— Fecha os olhos, minha Lina, peço-te!

Lina, surpresa, abriu-os mais e, ao ver-me pallido e alterado, perguntou-me, assustada, tomando-me das mãos:

— Que tens, Jym? Fala. Santo Deus! Estás doente? Fala!

— Não... perdôa-me; não tenho nada, nada...— respondi, sem olhal-a.

— Mentes. Alguma cousa te succede.

— Foi uma vertigem, Lina... já passou...

— E por que querias que eu fechasse os olhos? Não queres que te olhe, meu bem?

Não respondi e olhei-a, medroso. Ah! ali estavam esses olhos terriveis, com todas as suas insupportaveis de surpresa, amor e inquietude. Notando o meu silencio perturbado, Lina alarmou-se ainda mais.

Sentou-se no meu collo, tomou-me a cabeça entre as mãos e disse-me com violencia:

— Não, Jym; tu me enganas, alguma cousa estranha se passa comtigo, ha algum tempo; fizeste algum mal, pois só os que não têm a consciencia limpa é que não se atrevem a olhar de frente. Eu te conhecerei nos olhos, olha-me, olha-me.

Fechei os olhos e beijei-a na testa.

— Não me beijes; olha-me, olha-me.

— Oh, por Deus, Lina, deixa-me!

— E por que não me olhas? — insistiu, quasi chorando.

Eu sentia uma pena profunda de mortical-a, e ao mesmo tempo, muita vergonha de lhe confessar, então a minha tolice: — Não te olho, porque os teus olhos me assassinam; porque lhes tenho um medo insensato, que não explico nem posso reprimir. — Calei-me, pois, e fui para a casa, depois de Lina sahir da sala, chorando.

No dia seguinte, quando voltei para vêl-a, fizeram-me passar para o seu quarto: Lina amanhecera doente, com angina. Minha noiva estava na cama e o quarto, completamente ás escuras. Quanto me alegrou este ultimo facto!

Sentei-me a seu lado, e falei-lhe, apaixonadamente, dos meus projectos para o futuro. Durante a noite pensára que o melhor para sermos felizes era confessar-lhe os meus ridiculos soffrimentos

Talvez nos puzessemos de accôrdo... Usando ella oculos pretos... quem sabe. Depois que lhe contei tudo, Lina permaneceu um instante em silencio.

— Ora, que tolice! — foi tudo o que respondeu.

Durante 20 dias, Lina não sahiu da cama, e o medico prohibiu a minha entrada no quarto. No dia em que se levantou, Lina mandou-me chamar. Faltavam poucos dias para o nosso enlace, e já tinha recebido uma infinidade de presentes dos seus amigos e parentes. Lina chamou-me para me mostrar o vestido do casamento, que lhe tinham trazido durante a doença, assim como os presentes. O aposento estava envolto numa espessa penumbra, de sorte que eu mal podia vêr Lina; ella sentou-se num sofá, de costas para a janella fechada, e começou a me mostrar pulseiras, anneis, collares, vestidos, umas pombinhas de alabastro, broches, e outras cousas de valor.

Clemente Palma

Lá estava o presente de seu pae, o velho armador; era um pequeno "yatch" de passeio, isto é, ali não estava o "yatch", mas o documento de propriedade; os meus presentes tambem estavam, e tambem o que Lina me fazia, consistente numa caixinha de crystal da rocha, forrada de velludo vermelho.

Lina me alcançava os presentes, sorrindo e eu, com galanteria de namorado, beijava-lhe a mão. Por fim, tremula, alcançou-me a caixinha:

— Olha-a contra a luz — disse-me — são pedras preciosas, cujo brilho convem apreciar bem.

E abriu um lado da janella. Abri a caixa, e os cabellos se me eriçaram de espanto. Fiquei monstruosamente pallido. Levantei a cabeça, horrorizado e vi Lina, que me olhava fixamente com uns olhos negros, vidrados e immoveis. Um sorriso, entre amoroso e ironico pairava-lhe nos labios, feitos com o summo de morangos sylvestres.

Saltei, desesperado e peguei-lhe da mão, violentamente:

— O que fizeste, desgraçada ?

— E' o meu presente de nupcias — respondeu, tranquillamente.

Lina estava céga. Como hospedes assustados, estavam nas suas orbitas uns olhos de vidro, e os seus, os de minha Lina, esses olhos estranhos que tanto me haviam mortificado, olhavam-me ameaçadores e zombeteiros, do fundo da caixa vermelha, com o mesmo olhar endemoninhado de sempre...

Quando Jym terminou, ficámos todos em silencio, profundamente commovidos. Jym tomou um copo de absyntho, e bebeu-o dum trago.

A historia era de facto terrivel. Meus amigos olhavam, pensativos, um, a claraboia do camarote, e o outro, a lampada que se bamboleava com o balanço do vapor. De repente, depois de nos olhar, Jym soltou uma gargalhada zombeteira que cahiu como um enorme guizo, em meio ao nosso silencio.

— Homens de Deus ! Vocês acham que haja alguma mulher capaz do sacrificio que lhes narrei ? Se os olhos de uma mulher nos fazem mal, sabem como fará ella ? Arrancando-nos os nossos para que não vejam os seus. Não, meus amigos; contei-lhes uma historia inverosimil, cujo autor tenho a honra de lhes apresentar.

E mostrou-nos, levantando-a no alto, a sua garrafinha de absyntho, que parecia uma solução concentrada de esmeraldas...

(Conto peruano, traduzido por ANELÊH)

Ether...

I

Eu bem me lembro ..
O meu quarto.
E na frente do quarto o jardimzinho de hortencias.
E no ar o suave perfume das hortencias roxas...
De manhã, todos os dias, quando eu abria a janella pequena do quarto e que o perfume entrava pela janella, eu tinha a boa impressão de que era você quem entrava...
E dizia, sentindo cada vez mais o perfume:
— Bom d'a, amor...

II

— A tristeza tão bonita do Preludio do Pingo d'Agua, a suavidade dessas valsas tristes que ficam no coração, a belleza...
E eu lhe falei:
— Escuta. A musica mais bon'ta é sempre aquella que a gente ouviu num tempo feliz, bem feliz...
E porque a gente era feliz, a musica era linda..

III

— Por um beijo seu eu daria a minha vida. E o que é que você daria pela minha v'da?...
— Um beijo...

IV

— Como deve ser doloroso evocar um passado inutil. Ir voltando, ir voltando, percorrendo os caminhos já andados, revendo a vida vivida e ir encontrando: a opportunidade perdida, a felic'dade que não se alcançou atôa, o amor que não se teve por medo...
E ella me disse:
— Todos os passados são bonitos. Todas as coisas que ficaram longe são perfeitas. A belleza dos dias mortos se resume na impossibilidade de que elles voltem...
E todas as imposs'bilidades são lindas...

V

— Dizem que as coisas todas são bonitas para os olhos felizes, que todas as coisas são feias para os olhos desgraçados...
— Mentira. Eu te acho linda, meu amor...

VI

— E a minha primeira carta?
— Eu não a comprehendi...

OCTAVIO PRESTES JUNIOR
(Sorocaba — São Paulo)

APPELLO SUPREMO

Morra tudo no mundo!
Que tudo ao nosso olhar desappareça,
Que o sol se apague repentinamente.
Morra tudo no mundo!
Que a noite desça
Silenciosamente,
Sem estrellas no céo, sem o clarão da lua;
Que ruja o mar profundo,
Em impetos desvairados,
Na praia immensa e núa;
Morra tudo no mundo!
Tudo o que a vida tem de encantador,
Mas que fiquem na terra esses dois namorados,
Mas que não morra nunca a poesia do amor!

RAUL SERRANO.

Do "Poema dos namorados", em preparo.

Amôr...

Eu moro na Avenida Atlantica.

Em frente á minha casa ex'ste um banco. Todas as noites eu via nesse banco um par que conversava... Elle falava mais do que ella... Ella se contentava em ouvir o que elle lhe dizia ao ouvido... Acho que dizia cousas lindas, porque ella o ouvia de cabeça baixa. Durante muitos d'as, durante mezes, se repetia a mesma historia. Uma noite, porém, depois de haverem dito muita coisa, com muitos gestos, elle beijou-a na bocca... Houve um silencio, um olhar. Ella tremeu... Elle sorriu... Tres dias se passaram nos mesmos beijos... Ella falava muito, elle não dizia nada... Depois, tive a surpresa de não vel-os uma noite, outra e outra e assim, por muitas noites elles deixaram insat'sfeita a m'nha curiosidade... até que hontem ella appareceu... vinha só. Sentou-se, esperou. Elle não veiu...

ADONIS FEIO.

REVISTAS DE TODO O MUNDO

EMPORIOM — Revista mensal illustrada de arte e cultura, artigos geraes sobre historia, architectura.

VOGA — Semanario illustrado da mulher, trazendo paginas de bordados e modas.

MAGAZINE BERTRAND — Leitura para todos, modas, contos, assumptos cinematographicos, anecdotas.

L'ELECTRICIEN — Revista mensal internacional de electricidade e suas applicações, electricidade pratica e industrial; a melhor revista no genero.

REVUE DES DEUX MONDES — Revista mensal de cultura internacional, movimentos monetarios francezes.

LE PETIT INVENTEUR — Trabalhos electricos, em geral de muita utilidade ao agricultor e officinas mecanicas.

LE MONDE NOUVEAU — Literatura, romances, artigos de jornalistas illustres.

CINE-MIROIR — Publicação semanal illustrada, assumptos exclusivamente cinematographicos.

LA SEMAINE VERMOT — De tudo e para todos, assumptos geraes, criticas, literatura e trabalhos.

HISTORIA DE LA NACIONES — Popular revista pittoresca e autorisada, relação de cada uma das nações dos tempos mais remotos aos nossos dias.

GUTIÉRREZ — Jornal humoristico hespanhol, semanal.

EL ECONOMISTA — Revista semanal scientifica, independente, bolsa, mercados, contribuições, mineraes, agricultura, industrias.

MACACO — Jornal das creanças, contos infantis, pintura.

NUEVO MUNDO — Revista semanal hespanhola, com photographias universaes, muita literatura, procuradissima.

MUNDO GRAFICO — Revista semanal, com assumptos sportivos de toda parte do mundo.

LAPANTALLA — Semanario hespanhol cinematographico, trazendo os assumptos mais particulares do cine.

ESTAMPA — Revista graphica e literaria, da actualidade hespahonla.

MODAS Y PASSATIEMPOS — Altas novidades da moda internacional, com moldes e desenhos para bordar.

CINE MUNDIAL — A rainha e a mais completa das revistas cinematographicas.

PARATI — Emporio literario, com figurinos e trabalhos.

EL HOGAR — A revista por excellencia das familias, contos, modas e actualidades.

PLUS ULTRA — A revista da moda, sport, arte, paysagens, literatura, figurinos, photographias sociaes.

Casa Lauria — Rua Gonçalves Dias, 78

Senhorinha Mand dal Secco, de Batataes, que, conforme noticiamos em edição anterior, foi premiada com o rico quadro que "Cinearte" offereceu em concurso numa sessão chic cinematographica daquella importante cidade paulista.

Sr. Guilherme Morsch Corrêa cantor brasileiro que deu um recital muito applaudido.

A pianista paulista Zica Monteiro Camargo, que conquistou a medalha de ouro da classe do prof. Vancolle, em 1929.

O actor Jean Max, da Companhia De Féraudy

No Instituto de Musica

I. G. G.

Foi uma coisa engraçadissima, a que se passou um destes d'as em um omnibus de Egrejinha. Não ha quem não conheça os nervos da I., creatura incorrigivel, que nem mesmo os ares europeus e nem as lições lá recebidas de mestres celebres, conseguiram modificar, no que diz respeito ao systema nervoso.

A I. estava na Avenida e deveria tomar o omnibus. Havia de acontecer, porém, que o omnibus estivesse atrazado e que nelle viajasse o conhecido medico Dr. H. G., que, ao contrario da I., é o typo melhor acabado que ha, do homem calmo. Calmo só, não. Usando mesmo da linguagem vulgar, elle é um pouco pirata. Regularmente gavião... Os gaviões não perdem opportunidade, e por isso o Dr. G. não deixou passar o incidente despercebido, para um golpe audacioso.

A I. mandou parar o omnibus. Mas nem bem se havia preparado para procurar um logar, quando o motorista dava movimento ao carro, que sahiu voando. A I., perdendo o equilibrio, foi atirada ao collo do Dr. G., mas nem acabara de nelle cahir, e já se levantára, num estouvamento horrivel, dando por páos e por pedras, ruborisadissima, encabuladissima, a tremer, em busca de um banco.. O Dr. G., sem perder um minuto de tempo, disse-lhe entre dentes: — "Obrigado!" E ella, sem atinar com o sentido daquella maldade, inteiramente desnorteada, e pensando que o Dr. G. lhe devia mesmo aquelle agradecimento, respondeu affoita: — "Não ha de quê!"

E sahiu segurando-se nos bancos até sentar-se. O pirata não mais a perdeu de vista, voltando-se para traz a cada momento, a ver no que dava aquillo. E só depois de reapossada de si mesma, a I. comprehendeu a audacia e viu o que tinha feito. Teve impetos de se jogar do omnibus abaixo, de vergonha mas, felizmente, reparou que o Dr. G. já havia descido...

Senhorita Eva Schnoor e senhor Julio de Moraes, em Hollywood

Para todos...

DENTRO da noite, naquella rua afastada de suburbio, vozes infantis começaram a cantar em côro:

"Nesta rua, nesta rua tem um bosque
Que se chama, que se chama solidão...
Neste bosque, neste bosque mora um anjo
que roubou, que roubou meu coração..."

Já meu tédio se estava espreguiçando sobre as paginas de um livro que não tinha, naquelle momento, nenhum interesse par mim, quando aquellas vozes entraram de repente pelos meus ouvidos, com a doçura de um velho perfume bom, de um perfume de antigamente, de distancias ha muito vencidas...

Num momento, tanta coisa adormecida da minha infancia reviveu, se tornou de novo realidade!

Quando era de noite, ahi pelas oito horas, antes de ir dormir, logo depois do jantar, na velha e grande meza da sala pequena, tinhamos licença de ir brincar na calçada, sob as vistas nem sempre vigilantes de babá. O velho deixava-se ficar fumando o seu cigarro fininho, a lêr a "Noite", com os oculos suspensos na testa cheia de rugas.

Aquelles momentos de liberdade eram a nossa grande razão de viver. Durante todo o longo dia monotono de estudo e mais estudo, tinhamos os olhos, que digo, a cabeça, a imaginação, naquelle instante tão breve de felicidades, como num ponto fixo. Nossa vida girava em torno desse eixo. E era uma tortura infinita quando a chuva principiava a tombar do céo escuro. Sentia-se uma vontade infinita de chorar sobre os sonhos desfeitos. "Aquelle segredo que eu queria contar..." "Aquella pergunta que eu queria fazer..." E olhavamos atravez das vidraças as ruas molhadas, longas e escuras onde, de quando em vez, bondes passavam cortando agudamente com tim-tins o silencio somnolento que nos cercava.

Mas quando o tempo estava seguro e a lua macia boiava no céo, havia em todos os corações uma grande palpitação de interesse, de vida, de alegria.

Nossa casa ficava bem em frente a um largo. Largo triste, sem flores, nem arvoredos, antes, um vasto terreiro que confinava com um brejo, onde grilos cantavam a commum canção dos grilos. Num momento, meninos os mais diversos, surgiam vindos das casas vizinhas. Meninos ricos, meninos pobres, meninos nem pobres nem ricos, que ninguem sabia onde moravam e que eram recebidos como se recebem os mysterios, e que traziam sempre novidades, que alontanavam os nossos horizontes tão estreitos (ah! tão mais largos que os de hoje...) com novas historias complicadas. A nossa imagem do mundo... A cidade longe era um sonho impossivel e extranho, um explendido sonho...

Já tinhamos atravessado a Avenida nocturna illuminada, muitas vezes, nas visitas familiares a Copacabana. Mas apenas vislumbravamos a belleza irresistivel e magica, um rapido momento, no tão rapido momento da passagem de um bonde para outro.

"Nesta rua, nesta rua tem um bosque
que se chama, que se chama solidão.. "

As meninas brincavam de *roda, de carneirinho-carneirão, olha pro céo, olha pro chão*. E havia uma menina... Ha sempre uma menina. Não póde deixar de haver uma menina, nunca. Moravamos pegados. Tinha os cabellos castanhos. Tinha as mãos brancas e papudas. Bem me lembro.

Amôr? Oh! não. Uma extranha vontade de a olhar todo dia; uma vontade inexplicavel de ouvil-a falar. A sua voz era fresca. Voz de fruto loiro. Voz de renda verdadeira.

Lembro-me bem della. Lembro-me perfeitamente della. Do seu annel, com um brilhante, que, de tão pequenino, quasi não era brilhante.

Dos seus olhos.

Foi a primeira. Foi a que despertou meu coração. E tão sem o saber!...

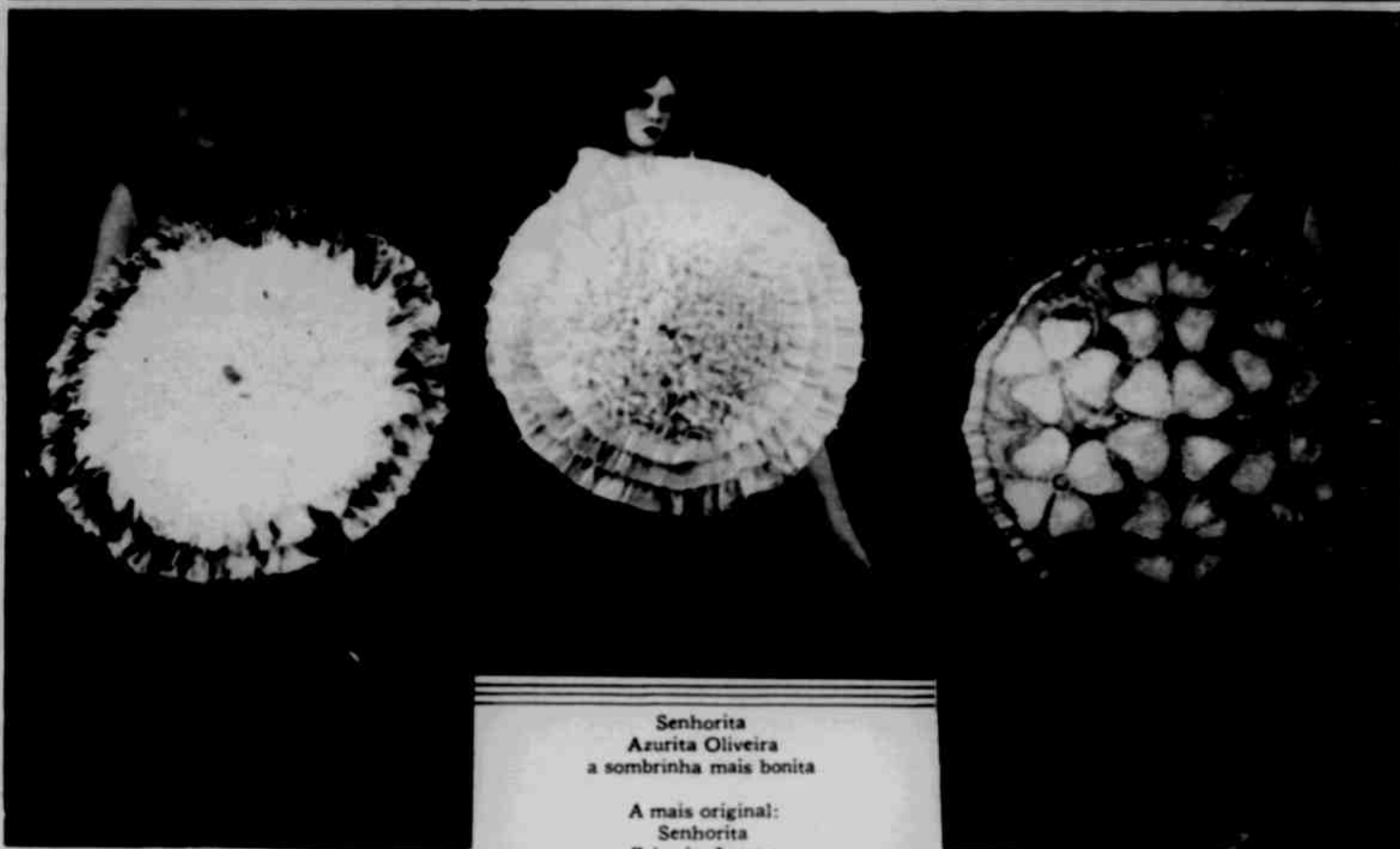
Nunca o soube. Nunca, estou certo, sentiu por mim a minima inquietude. Tambem era tão menina... Tão menina...

Vejo-a bem, agora... Parece que surge de novo, como era antigamente, com o seu vestido branco de babados. Eu a espreitava sempre. Espiava-a por um buraco de muro que dava para a casa della. Brincava sempre com os irmãos, uns meninos muito magros e muito feios.

Mas ella não notava, ou nunca mostrava ter notado. Foi a primeira... Foram os primeiros espinhos.

Onde está? Para onde foi? Uma vez acreditei vel-a. Tão outra... Ah! não foi ella, por certo. Ella ficou pequenina, como está na minha saudade, com o seu vestido branco de babados...

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

ILLUSTRAÇÕES DE DI CAVALCANTI

Senhorita
Azurita Oliveira
a sombrinha mais bonita

A mais original:
Senhorita
Zézé Lara

Senhorita
Adelaide Leone,
a sombrinha mais rica.

Senhorita
Gisella Silva,
a primeira de cretone

FESTA
DAS
SOMBRINHAS
EM
SANTOS

O jury era composto pelas Senhoras Zizi Martins Licht e Zica Martins e pelos Senhores Brasil Gerson, René de Castro e Dr. Waldomiro Silveira

Cada terra tem seu uso...

A Feira de S. Bento em São Paulo

Um dos aspectos curiosos de São Paulo é o que apresenta, diariamente, o largo de S. Bento. Quem por ali passar ha de vêr, com certo espanto, uma multidão de desoccupados, espalhados pela praça. E aquella pasmaceira em que permanece uma porção de gente, horas a fio, causa mesmo especie, pois contrasta com a intensidade do movimento da cidade operosa e trabalhadora, da cidade altiva e dynamica.

Um agglomerado de creaturas de ambos os sexos e de todas as côres, desde a branca muito alva, com cabellos da côr da barba das espigas de milho até á preta retinta com carapinha arrepiada, chama-nos fatalmente a attenção. Vê-se de tudo ali.

E' um verdadeiro indice das raças que povoam a antiga patria dos bandeirantes. Homens e mulheres, velhas e meninas, rapazes e moçoilas...

Ha de todos os tamanhos e de todas as edades e de todas as côres e tons.

Exemplares brancos, amarellos, pretos e pardos. Caboclos e allemães. Hungaros e mestiços. Gente sadia e gente doentia. Raparigas lindas, sem chapéo e de chapéo, com trajes á moda e outras, coitadinhas, pobretonas, maltrapilhas. Velhas mulheres, encarquilhadas, já muito murchas; e, ao lado dellas, provocando os olhares cubiçosos dos passantes deslumbrados, moças de fórmas exuberantes e attrahentes.

Detém-se quem não sabe o que aquelle espectaculo significa ou que ali vae de caso pensado...

Ha marmanjos almofadizados que ali vão namoriscar.

Velhos ha, com intenções irreverentes, que passam horas á cata de emoções novas.

Ouve-se falar o portuguez, o italiano, o allemão, o japonez, o turco.

A um canto da praça, dias atraz, installára-se toda uma familia poloneza.

Uma confusão babelica! Mas, afinal, que é aquillo?

Uma feira, senhores, uma feira diaria de candidatos a empregos domesticos.

E' a chamada feira dos creados. Quem quer um copeiro vae ao largo de S. Bento e encontra.

Deseja uma cozinheira? Lá a arranjará tambem.

Precisa de uma menina para "pagear" creanças? Vá a S. Bento.

A' espera de quem as queira...

Um grupo original na feira de S. Bento.

De forno e fogão e p'ra todo o serviço...

Tem necessidade de uma bôa arrumadeira? E' lá que a escolherá ao seu gosto.

Um chauffeur? Um jardineiro? Não falta nada. A difficuldade maior, está em escolher e muitas vezes em se fazer comprehender, pois o elemento estrangeiro, recem-chegado de terras longinquas, predomina.

E o largo de S. Bento é o logar procurado pelas donas de casa... em apuros.

Ha domesticas para varios preços. A negra, em regra, contracta-se por preço mais razoavel. Trabalha pouco e, quasi sempre, ao cabo de um mez, pede as contas.

A allemã, a polaca pedem duzentos mil réis mensaes, os domingos todos e ás sete horas da noite querem deixar o serviço.

Mas, em compensação, nas horas de labuta produzem muito mais.

O largo de S. Bento é uma amostra da luta pela vida.

Por elle ainda se faz uma pequenina idéa do cosmopolitismo paulista.

Ha representantes de todas as raças do globo.

E alguns numeros femininos são, por signal, muito interessantes... Ha amadores do genero sopeira que não perdem uma visita á feira.

E, em verdade vos digo, têm elles muito o quer vêr e admirar.

As photographias que acompanham esta chroniqueta, tiradas numa destas ultimas e bellas tardes do mez de Julho, são expressivas e documentam bem o que é a feira de São Bento, em São Paulo.

Para que se faça vaga idéa, embora, do que seja a original feira onde se reunem os que andam em busca de trabalho, as photographias, acima, mostram grupos de toda especie, com as mais desencontradas expressões

CICERO DIAS

Photographia e texto
de
Mario de Andrade

Eu não sei se póde interessar aos meus leitores saber que o desenhista pernambucano Cicero Dias está em S. Paulo, nos vendo. Pouco ou nada o leitor sabe sobre este artista delicioso. E se visse os desenhos e aquarellas delle, na certa que oitenta por cento dos leitores pensaria: "E' um maluco". E'... ainda vivemos convencidos de que são malucos todos os que escapolem do senso commum... Uma feita um homem presumido maluco, foi convidado pela familia para dar um passeio pelos arredores de São Paulo. O louco acceitou. De repente chegaram na porta do Juqueri e todos ficaram muito influidos em visitar o hospicio e perguntaram se o louco não queria ir tambem. O coitado sorriu amargoso e falou mui manso: "Eu sei que vocês querem me deixar lá dentro. Eu fico sim. Mas não sei de nós quem é que é louco". E entrou para sempre.

Mas Cicero Dias não é maluco, não. Sómente elle prefere, em vez de representar pelo lapis e pela côr, os raciocinios faceis da intelligencia d e l l e, campear no meio das suas paizagens interiores mais profundas, o que o irrita ou lhe faz bem. São gritos sem nenhuma logica facil, dessas que a intelligencia percebe de sopetão, sei bem. Para muitos, esses desenhos serão coisas incomprehensiveis... Mas será intelligente da nossa parte julgar por meio de uma das nossas faculdades uma coisa que prescinde dessa faculdade? Pelo menos das partes mais exteriores, mais simplistas dessa faculdade? Se é pela visão que nós percebemos o movimento dos astros, será pela visão que havemos de reconhecer a rotação do Sol em torno da Terra? Os poetas, que sempre foram mais sensiveis que intelligentes, continuam falando no "deitar do Sol"... Phrase que ninguem deixará de reconhecer que pelo menos é ignorantissima.

Porem a gente a acceita porque todos nós já estamos acostumados a nos reger por essa força a priori da sensibilidade. Pois, leitor, você tambem ha de reconhecer que tem sonhos. E sonhos amalucados. Você ha de reconhecer que ás vezes brotam na sua cabeça idéas impossiveis, insupportaveis, vergonhosas até. Você ha de sentir nos momentos de scisma uns appellos profundos, umas angustias, umas doçuras que nem asa de anjo que roçasse por você. Bobagens?... São bobagens não, leitor! São coisas que hoje a psychologia reconhece como verdadeiras, como legitimas, como influenciando directamente toda a complexidade de uma vida. E são coisas enormes a que o proprio mysterio, a que o melindre dellas ainda aprofunda mais. Você ha de reconhecer que as tem porque tem mesmo. Nem que não queira, tem. Todos têm, embora uns percebam mais, outros menos essas coisas. Os poetas percebem demais por causa da acuidade exacerbada que possuem. Alguns psychiatras chegam mesmo a chamar de "doentia" essa acuidade exacerbada. Mas isso é questão de despeito. A gente no geral se vinga assim mesmo das coisas que não possue nem comprehende: lhe damos um nome qualquer, um qualificativo. E seguimos nossos caminhos, certos de que a tal coisa ficou reduzida a zero. Ficou nada! Continúa bem vivinha esperando o feliz que a colha, emquanto raposas e psychiatras continuarão na eterna fome de uvas. E assim seja!

Cicero Dias é uma acuidade exacerbada. Elle conta essas coisas interiores, esses appellos, sonhos, sublimações, sequestros.

Os desenhos delle formam por isso um "outro mundo" commoventissimo, em que as representações attingem, ás vezes, uma simplificação tão deslumbrante que perdem toda caracterização sensivel. Os animaes delle, por exemplo. Creio mesmo que Cicero Dias é o primeiro individuo que já chegou á representação do Animal. Elle tem calungas que não são nem cachorro, nem boi, nem burro. Tem aves que não são nem pombas, nem urubús, nem gallinhas. E' o animal. E' a ave. Só o que a gente póde concluir dessa universalização incomparavel é que Cicero Dias é uma alma domestica. E' mesmo. Os idyllios delle, certas imagens de mulher, o complexo da morte, o complexo bem nordestino da musica, o complexo do adeus, possuem na obra delle uma essencia puramente familiar. A gente sente flor-de-papel e almofada feita por nossa irmã no collegio de freira. As proprias raivas delle são familiares. Não possuem e s s a contemplatibilidade caroavel com que a gente se dispõe a acceitar as malvadezas do mundo. Para elle o mal ainda assombra. E' esse mal peccaminoso, d a n d o infernos, que a gente concebeu com a cabecinha reclinada no côllo de nossa mãe. Cicero Dias é um valor excellente, leitor.

Automovel Club do Brasil

Aspectos dos salões no ultimo chá dansante. Na photographia do centro, a mesa da senhora Mello Vianna e do Vice - presidente da Republica.

Na Legação do Equador

O senhor Ministro do Equador e a senhora Guarderas deram recepção, no dia 10, commemorando a passagem do 120° anniversario da proclamação da independencia do seu paiz. Aqui ficam duas lembranças dessa festa :: distinctissima ::

No salão nobre do Hotel Gloria, domingo, quando se realizou o concerto inaugural da Sociedade Polono-Brasileira com o recital de canções polonezas da cantora Halina Bruzówna-Winnicka.

HALINA BRUZÓWNA-WINNICKA

A artista que a nossa alta sociedade applaudiu domingo no Hotel Gloria vae apresentar-se amanhã a um publico maior no Theatro Lyrico. O programma tem quatro partes. Halina Bruzówna Winnicka vae cantar trechos de Laurence Hope, Moniuszko, L. Rózycki, R. Friml, Georg Gartlan, canções hebraicas e vae declamar sobre musica, em inglez, coisas escriptas para ella por M. Hemar. Ao piano, o maestro Com. Giovanni Giannetti. A tarde de amanhã tem que ser uma tarde bonita.

VILLA-LOBOS, o nosso estupendo Villa-Lobos, chegou ha dias de Paris e organizou logo tres concertos de composições suas. O primeiro é hoje, no Theatro Lyrico. Todo o Rio de Janeiro intelligente irá logo de noite dar as boas vindas ao mais celebre dos brasileiros vivos. Os interpretes de Villa-Lobos, são a pianista Lucila Villa-Lobos, o violinista Maurice Rasquin, os cantores Elsie Houston Péret e Nascimento Filho. Os criticos devem comparecer para divertirem a gente no dia seguinte.

BERTA SINGERMAN EM PORTO ALEGRE

A artista que o Rio adóra teve um exito estupendo na capital gaúcha. A Senhora Getulio Vargas recebeu-a em palacio. Aqui estão dois instantaneos dessa festa. No de baixo, o Presidente Getulio Vargas está ouvindo a hospede encantadora.

VM GRANDE THEATRO MODERNO

O NOVO THEATRO PIGALLE

A sala do novo theatro Pigalle, de Paris, vista de scena.

O "Tout - Paris" foi convidado essa semana para o o "vernissage" do novo theatro Pigalle. Theatro "novo", não: o theatro "mais novo" de França, d'Europa e mesmo do mundo, pois actualmente não existe outro, quer na Allemanha, quer nos Estados Unidos, que reuna a tal ponto de perfeição e de modernismo a totalidade de recursos e de meios que a mecanica e a electricidade podem fornecer a uma sala de espectaculo, juntamente com a arte dos architectos. Uma empresa como esta, necessitando milhões, seria irrealizavel sem a prodigalidade magnifica de um mecenas. O barão Henrique de Rothschilds foi esse mecenas. O barão Henrique de Rothschild sempre teve pela arte dramatica o mais vivo interesse. Com o seu nome ou com o pseudonymo de André Pascal escreveu diversas peças, tendo a "Petite Illustration" publicado as mais conhecidas: "La Rampe", a 27 de novembro 1909, "Le Caducée", a 11 de junho 1921. A insufficiencia dos theatros parisienses, mau grado a sua apparente multiplicidade, e a deficiencia cada vez maior de recursos scenicos que offerecem principalmente á grande comedia dramatica, despertaram a attenção do Sr. de Rothschild assim como a de seus collegas.

Por isso quiz ter o "seu" theatro um dia, onde poderia igualmente acolher os outros autores.

Com a collaboração do Sr. Felix Camoin, então seu administrador geral, procurou um terreno proprio. Achou-o junto á "butte" Montmartre, á entrada da rua Pigalle, onde se erguia, no meio de um jardim de 2.800 metros quadrados mais ou menos, — 38 de fundo, — o lindo palacete habitado outr'ora por Eugène Scribe, onde morreu em 1861. Palacete e jardim foram demolidos: exigencia do progresso.

A demolição começou em janeiro de 1925. Depois de muitas hesitações — os architectos eram em grande numero — o barão Henrique de Rotschild encommendou finalmente as plantas aos Srs. Charles Siclis, que acabára de executar a transformação da sala do "Theatre des Mathurins" com muita felicidade, Henri Just e Pierre Blum. Pretendiam apenas edificar um theatro como os outros, um pouco mais luxuoso e organisado talvez de modo mais pratico: mas, á medida que os trabalhos proseguiam, foram apparecendo aperfeiçoamentos susceptiveis de se fazerem, de modo que a realização actual ultrapassa consideravelmente o projecto primitivo, muito mais modesto.

Foi em meados de 1926 que a nova orientação começou a tomar vulto, quando o barão de Rothschild confiou a direcção geral dos trabalhos a um de seus filhos, o Sr. Philippe de Rothschild. Este era então muito novo e acabára de obter o seu diploma de sciencias na Sorbonne. Occupava-se de decoração treatral nas horas vagas e o facto de se ter sahido muito bem da apresentação scenica de "Vocation", uma peça de seu pai, justificava a confiança que depositavam nelle. O Sr. Philippe de Rothschild chamou para collaborador immediato, para o conjuncto da construcção e especialmente para o palco, o Sr. Georges Follome que é hoje o administrador e conservador do theatro Pigalle. Durante muitos mezes os trabalhos proseguiram com extrema lentidão. Interrupção necessaria afim de effectuar uma grande viagem de estudo em França e no estrangeiro, para verificar todos os progressos realizados na parte technica dos theatros e das installações scenicas.

Em França, é forçoso confessal-o, estavamos muito atrazados, sobretudo no que diz respeito ao machinismo e á electricidade e pouco havia a aproveitar.

Entretanto, o grande theatro de Bordeaux, do architecto Louis, onde, aliás, Garnier se inspirou para a Opera de Paris, continha certos principios excellentes que o theatro Pigalle adoptou: por exemplo, a distribuição do espaço disponivel em tres partes sensivelmente iguaes, destinadas, uma á scena, outra ás communicações internas e caixa e a terceira á sala. Louis havia tambem comprehendido muito bem a psycologia do publico que não deve ser introduzido bruscamente na sala, e sim conduzido progressivamente, passando por uma serie de peristylos, de vestibulos, de escadas ou de galerias, como a uma especie de "Santo dos Santos". Foi, porém, em Berlim, em Hamburgo, em Dresdem, em Wiesbaden, em Copenhague, em Vienna, em Milão, em Londres que obtiveram os ensinamentos mais proveitosos. A Allemanha, principalmente, possue a industria do theatro mais prospera. Subvenções importantes das municipalidades e a affluencia regular do publico tornam possivel trabalhar largamente. As tres firmas mais importantes de installações electricas, Siemens, l'A. E. G. ("Allgemeine Elektricitat Gesellschaft") e Swabe estão constantemente em concorrencia e essa rivalidade impede-as de se confinar na rotina, como acontece entre nós. Depois de ter visto os seus respectivos trabalhos, o Sr. Philippe de Rotschild deu preferencia á casa Siemens. Assignados os contractos, na primavera de 1927 elle voltava a Paris com uma phalange de technicos e as obras recomeçaram com uma actividade que nunca mais se desmentiu. O conjuncto dos alicerces estava então terminado, mas os novos projectos tornavam necessarias modificações importantes e foram feitos novos e dispendiosos trabalhos em muitos pontos.

Dahi em deante foi encarregado da execução dos trabalhos um verdadeiro estado-maior, ou por outra, um ministerio com serviços especializados. Ao Sr. Siclis foi confiada a composição geral do edificio e o encargo de manter a unidade e a harmonia exteriores. Os Srs. Henri Just e Pierre Blum exerciam a funcção de engenheiros do cimento e dos materiaes de construcção e encarregavam-se da contabilidade. As outras secções estavam a cargo de engenheiros especialistas como o Sr. Maurice Périer para a electricidade, e outros ainda para o aquecimento, a mecanica, a hydraulica. O Sr. Georges Fouilloux dirigia as installações scenicas com o concurso do Sr. Max Hasait para certos arranjos especiaes.

Foi esta a genesis do theatro Pigalle.

Elle faculta á arte dramatica possibilidades que não existiam até agora. Embora não pretenda ser o "theatro unico" igualmente proprio a todos os generos: comedia, peças lyricas, espectaculos choreographicos, é, entretanto, extremamente adaptavel. Antes de tudo, tem em vista tornar a dar impulso á grande comedia dramatica cada vez mais sacrificada na moldura estreita dos palcos pequenos.

A direcção artistica do theatro Pigalle foi

A fachada

Escada nobre

confiada ao Sr. André Antoine. O creador do "Theatre Libre", o renovador da scena franceza no fim do seculo passado e no principio deste, estava pelo seu passado, sua experiencia e autoridade, especialmente designado para desempenhar esse encargo com o ardor enthusiasta e a fé que prolongam nelle uma mocidade surprehendente. E' o Sr. Antoine quem escolherá as peças a serem representadas e os seus interpretes, que encommendára os scenarios, que marcára a enscenação com a extraordinaria riqueza de meios ao seu alcance. Para a estréa que será no mez de Outubro, elle dirigiu-se ao Sr. Sacha Guitry e este escreveu uma peça, differente de quantas já foram ouvidas. Tem por titulo: "L'Histoire de France". E' como que uma revisão d nossa historia nacional desde as suas origens até os nossos dias em quinze quadros. Tanto pela originalidade como pela grandeza de sua apresentação esse espectaculo despertará, sem duvida, a mais viva curiosidade. Por isso, o Sr. Antoine espera que depois de conhecidos os recursos scenicos do theatro Pigalle, os jovens autores imaginarão para elle peças inteiramente novas pela inspiração, genero e factura. A literatura dramatica poderá ser renovada e mais uma vez a funcção terá creado o orgão.

O Sr. Gabriel Astruc é o director administrativo do theatro Pigalle. Tambem elle é um animador.

A...es da guerra Paris já lhe devia os theatros dos "Champs-Elysées" e a inesquecivel revelação dos Bailados Russos. Ao Paris cosmopolita de hoje elle proporcionará outras festas de arte e organisará tambem estações especiaes. O Sr. Paul Largy o auxiliára nessas funcções delicadas de secretario geral.

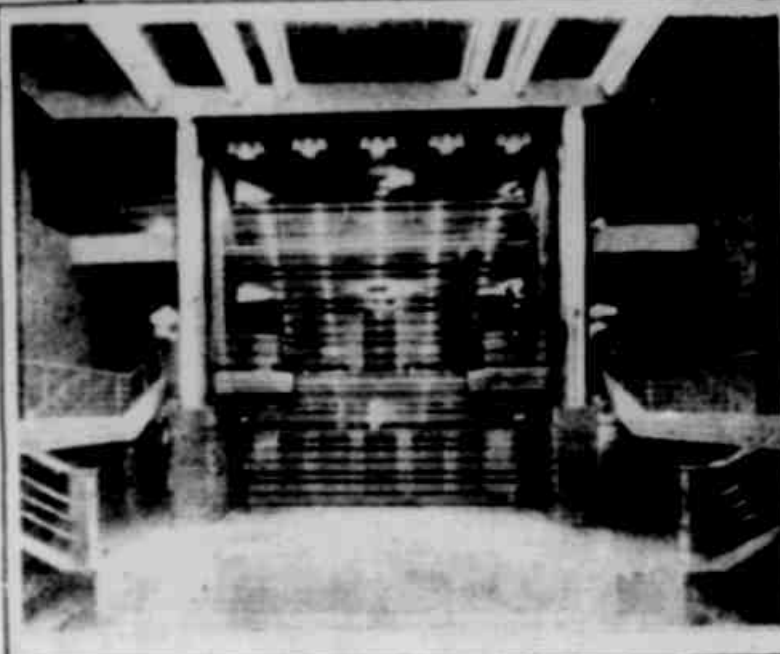
(*Robert de Bauplan*)

* * *

ARCHITECTURA E DECORAÇÃO

Si, conhecendo as origens do theatro Pigalle e o que ahi pretendem organizar em materia de espectaculos, o leitor me pedir que lhe faça as honras da casa, terei de prevenil-o que o architecto, o Sr. Charles Siclis, não podia dispor, como Garnier na Opera, de grandes espaços. Segue-se a rua Pizalle que é uma ladeira sem sahida do outro lado e esta situação especial nos condemna a um só ponto de vista. Não tendo recúo, o architecto quebra o seu muro. Sobre a primeira saliencia elle dispõe, no sentido da altura, letras luminosas para que os vehiculos possam ver immediatamete o local a alcançar; sobre a segunda, a torre luminosa que indica a natureza do espectaculo; entre as duas, um grande vão, abertura de segurança.

Ao saltar do carro, o espectador é abrigado por uma enorme coberta cujos caixotões projectam luz e calor. Diante delle já se abrem as portas de vidro emmolduradas de metal prateado; iá a electricidade brilhante, metalica, transparente, empresta a tudo um ar de festa; com a curiosidade aguçada pelo immenso cartaz que é a fachada banhada pela luz dos projectores possantes, elle se acha num vestibulo semi-circular illuminado indirectamente.

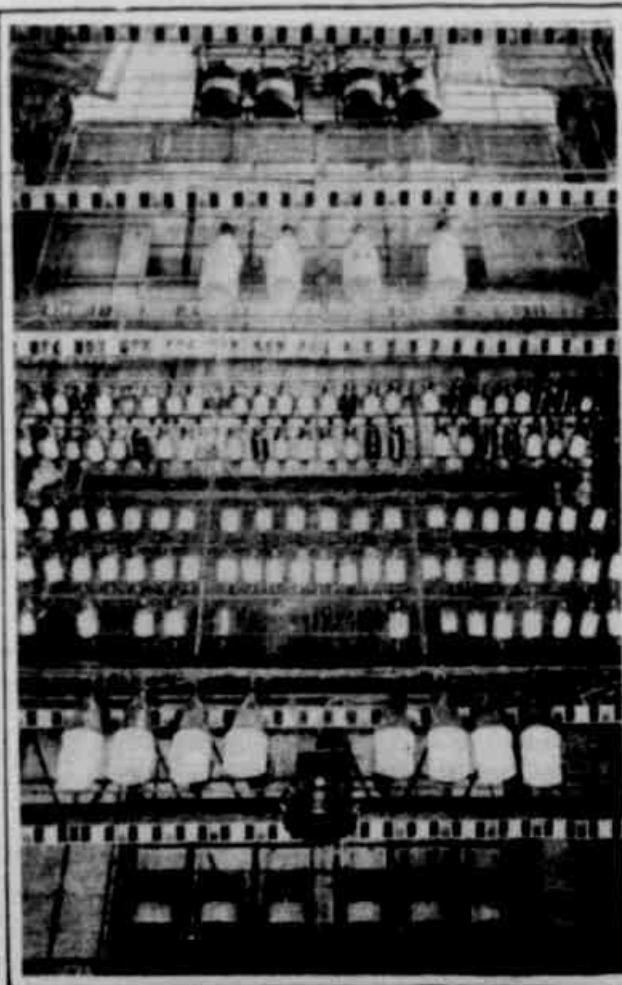
Este vestibulo obliquo e não parallelo á rua, tem por funcção recobrar o eixo da composição, tirando ligeiramente os . ..lços nos tambores das portas. A' direita, á esquerda, bilheteria, escadas que dão accesso ás segundas galerias, de modo a que os seus frequentadores não se misturem aos das primeiras e aos da platéa que são admittidos no hall. Reflectindo bem, este dispositivo favorece o espectador que tem suas razões para vir

A "parede de fogo" que separa o hall do publico dos camarotes.

"incognito" ao theatro ou que não quiz fazer "toilette", ajudando-o a escapar á curiosidade mundana.

Elle tem, entretanto, ensejo de ver o hall ao passar e de gozar os aspectos de que falaremos mais adiante, pois a escada de que se trata vai ter a uma loggia que atravessa lateralmente o hall, a certa altura, antes de chegar ás segundas galerias.

Transposta uma nova barreira de portas de vidro emmolduradas de metal prateado, o publico das primeiras galerias ou da platéa entra num vasto hall que occupa a altura total e a largura toda do edificio. E' applicada aqui uma theoria cara ao archit.. to, o Sr. Charles Siclis, que é, aliás, um especialista em architectura theatral. Notaram, certamente, no que foi dito antes e até no artigo precedente, a insistencia com que são impostas ao espectador etapas successivas: elle tem de transpor diversas barreiras até chegar ao "santo dos santos" que é a sala. E' o que o Sr. Siclis chama com muita propriedade: "patamares psycologicos". Obrigando o espectador a essas estações elle o separa progressivamente da rua, da vida burgueza de todo os dias, afim de conduzil-o a essa vida excepcional de que lhe vão mostrar differentes phases. O hall a que chegámos é o penultimo patamar. Creou-se ahi, como se dizia ha vinte annos, uma atmosphera. Como? O leitor talvez saiba o papel que desempenhava, nos edificios antigos, uma dimensão pequena juxtaposta a uma grande, de modo a tornar evidente, por uma medida commum, a grandeza do momento; assim, para só se citar um exemplo, a porta "Saint-Denis" em que a pequenez da porta lateral contrasta com a majestade da porta central. O vestibulo semicircular de onde sahimos, como tem o tecto baixo, faz sobresahir a immensidade do grande hall: bello volume que tende para a proporção ideal do cubo integral. A' esquerda, á direita, sobre a escada majestosa das primeiras galerias, desce a escada do subterraneo.

Em cima, abrem-se lateralmente loggias que servem de passagem independente para as segundas galerias. Corrimões chatos de metal nikelado, acompanham harmoniosamente a pintura das paredes que é côr de ocra vermelha (almagre), igual á de alguns vasos pompeianos. No tecto, cornichas luminosas de vidro opalino estão dispostas de maneira a formar quadrados cada vez maiores e abertos do lado da sala.

Tudo neste theatro está feito de modo a preparar o espectador ao mysterio que só será desvendado á ultima hora. O cubo do hall pode colorir-se, Illuminar-se, guarnecer-se com uma diversidade que nunca prejudica o conjuncto. Vêdes apenas o obstaculo que se ergue na vossa frente; elle vos impede mais uma vez de penetrar no sanctuario, aguçando a vossa curiosidade, pois deixa que o vosso olhar o atravesse. Imaginai, pois, uma grade immensa que suba do chão até o teto. Os varaes dessa grade são tubos de metal nickelado dispostos horizontalmente. Podia-se ainda dissertar com proveito sobre a predominancia da horizontal sobre a vertical, pois que se volta assim ás dominantes do templo grego, de effeito horizontal, cujas columnas serviam apenas para sustentar as linhas calmas do coroamento. Esta grade causou e causará ainda muitas discussões. Quanto a mim, admiro-a; está de accordo com o proposito do mestre; em arte, de duas uma, ou enganar-se ou acertar, mas sempre com systema e ousadia. Acima da grade, suspensas á viga mestra que, atravez do hall, confirma que a construcção é de cimento armado, grupos de caçaro-

Fileiras de lampadas e projectores dispostas acima do palco.

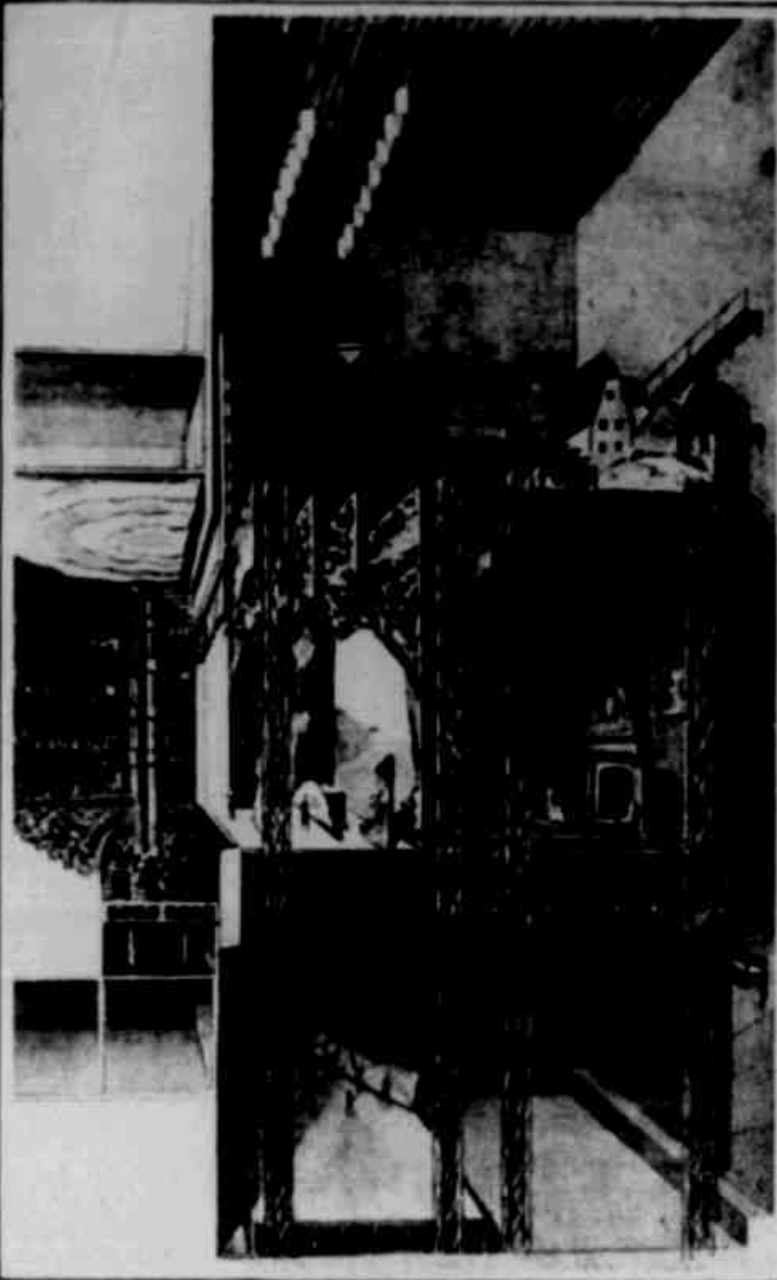
O commando das mutações de luz.

las contendo lampadas vermelhas, brancas e azues derramam sobre os varaes uma cascata de pontos luminosos que scintillam no metal, dão-lhe vida e tiram-lhe toda apparencia de prisão. Atravez los varaes percebemos o corredor que contorna a sala e para o qual se abrem portas de ebano "macassar".

Está atiçada a nossa curiosidade. Irá ser satisfeita afinal? Ainda não. O mestre acha que ainda nos achamos em estado de receptividade insufficiente. Elle vae obter esse resultado com sortilegios de luz. As cornijas do tecto, as columnas de opalina que cercam a grade, a cascata electrica que se precipita de varal em varal vão executar para nós uma symphonia de cores que actuará sobre os nervos como uma musica preparatoria, fazendo-nos vibrar com o vermelho, acalmando-nos com o azul, cavando lagos verdes, noites azues nas loggias, transformando o hall em nacar, cambiando a claridade, deliciando-nos com camafeus, despertando em nós sentimentos exaltados ou melancolicos, conforme nos mostra as paysagens imaginarias do sol poente ou do luar. Estamos promptos, então. Poderão tentar desviar nossa attenção, dizer-nos que no subterraneo, pelas escadas já citadas, iremos ter a lojas, a uma sala de exposição, a um bar em contacto directo com a rua: tudo isto constitue o intervallo e o que queremos é ver a peça.

Paciencia! Não vos precipiteis para a grade; ella não se erguerá para os que entram; e só será levantada na hora da sahida, quando estiver satisfeita a vossa curiosidade. Entrareis finalmente nos corredores que circumdam a sala pelos lados. E' que de lado, podereis apreciar a differença de escala de que eu falava ha pouco, entre a altura menor e a nave mais vasta; de lado, em perspectiva, tendes a sensação do volume architectonico em suas tres dimensões mais intensamente do que de frente; de lado, ficaes sujeitos á influencia psycologica da grandeza mysteriosa.

Eil-a, emfim, a sala em que se passa realmente um mysterio. Tanto o hall, em suas linhas geraes, dava todo valor á nudez das paredes, transfiguradas somente pelas metamorphoses da luz, quanto á sala é bem guarnecida; inteiramente revestida de mogno, cujo tom castanho avermelhado combina com o do velludo das poltronas. Uma verdadeira caixa de violino. Nem um ornamento. Só uma ondulação de cortina enfeita o madeiramento dos balcões, cujas tres ellipses superpostas cortam-se e recortam-se graciosamente, contrastando pela elasticidade de suas linhas curvas com a rigidez das linhas rectas do hall. Achamo-nos aqui num salão cheio de uma humanidade, de que é preciso coordenar o poder de irradiação. Até os camarotes de proscennio, de onde se vê o palco admiravelmente, são voltados para a sala e participam da sympathia benefica de suas curvas. Mil e cem espectadores, lado a lado, satisfeitos por verem admiravelmente, communicam-se o fluido que se chama successo.

Aqui e ali uma scintillação, a armação ni-

Corte do palco e dos bastidores mostrando os quatro palcos moveis em acção: um em que se está representando; outro, equipado, prompto para tomar o seu logar no quadro seguinte; o terceiro, em cima, quasi prompto; o quarto, em baixo, que estão acabando de desimpedir.

ckelada das poltronas, as tubas do orgão na parte superior das enormes pilastras de madeira que ligam os balcões aos proscennios e onde estão os projectores, uma linha de luz apparente nas segundas galerias, avivam, excitam esse desejo de festa excepcional que, ás vezes, a diffusão luminosa adormece. No tecto, emfim, desabrocha uma flor enorme, de calice duplo e triplo, cujas petalas de bordos sombreados, coloridos alternativamente por lampadas invisiveis, se illuminarão no intervalo de cinza e lilaz, cinza e vermelho, camafeu cinza que lembrarão as flores do symbolismo.

E não é uma flor symbolica que acaba de desabrochar no jardim de Palladio? Nada sei dos segredos dos deuses: não ignoro, porém, que depois de uma peça que fará sobresahir todos os recursos do theatro, haverá uma especie de comedia feerica, cujo prototypo poderá bem ser o "Oiseau bleu" e a fada a "Electricidade".

O commando unico do machinismo.

OS MACHINISMOS DO THEATRO PIGALLE

O novo instrumento theatral posto á disposição da Arte dramatica pelos Srs. Henrique e Philippe de Rosthschild e confiado aos cuidados artisticos de André Antoine é uma "machina" que deve ser descripta sem rodeios e sem litteratura: factos precisos, algarismos precisos, eis o essencial.

Achamo-nos aqui no imperio da mecanica, onde reinam, de modo absoluto e de perfeito accordo, a electricidade e a hydraulica.

O palco é — em principio — um taboleiro que mede 20 metros de profundidade por 21 metros de largura. Em principio, pois, mesmo á primeira vista, esse taboleiro apparece composto por duas partes independentes, uma em primeiro plano e a outra em segundo, medindo cada uma 9 metros de profundidade sobre 14 de largura. E isto dá logo um palco que póde medir, á vontade, o simples e o dobro em profundidade, segundo as necessidades da enscenação: intimidade ou apparato architectonico.

Ao mesmo tempo, a abertura desse palco, em relação ao espectador, póde modificar-se á vontade nas duas dimensões: altura e largura. Pois o panno de bocca é formado por um portico massiço e movel, movido pela força hydraulica, que póde descer ou subir a architrave á vontade, avançar ou recuar cada um de seus dois supportes. Isto em poucos segundos e sem o menor ruido: desliza rapido e silencioso, dando uma impressão similar á dos diaphragmas manobrados diante da objectiva do apparelho photographico, para augmentar ou diminuir essa objectiva. E eis o que o espectador verá da sua poltrona: uma scena mais ou menos profunda com uma abertura mais ou menos larga e mais ou menos alta, — tudo isto essencialmente mutavel á vista e em silencio á vontade do ensaiador.

Nesta scena, o espectador verá, conforme as occasiões, um scenario ora perto, ora longinquo, ou então, um horizonte, — céo, mar, deserto. Até estes ultimos annos, a illusão do céo, do mar, do deserto era dada de um modo imperfeito por télas de fundo rectilineas e faixas de ar; a cupula Forthuny havia tentado remediar essa imperfeição. Aqui, é differente: uma téla panoramica branca e encollada — téla de projecções

(*Termina no fim do numero*)

A GRANDE NOVIDADE THEATRAL DE 1929

Em cima, duas scenas de Tsar Saltan. Em baixo, Maria Kousnesoff, Massenet, a grande artista da Companhia de Opera Russa que a Empresa Viggiani trouxe para o Rio.

Scena de "En plena Juventud", do repertorio da Companhia de Revistas do Theatro Portenho, de Buenos Aires, que estréa no Theatro Casino. Em baixo, os principaes artistas num numero comico.

Uma Sentença

Foi lavrada no anno de 1891, dia 18 de Março, pelo juiz ordinario da villa de Aguas Frias, em Goyaz:

— "Visto os autos etc. Pondo os olhos em Deus Nosso Senhor em Minha Mãi Maria Santissima, e empunhando esta vara vermelha, — com que de presente me acho na mão, que significa a de Moysés quando tocou na pedra, e fez sahir o sagrado licor do vinho com que matou a sede do povo de Israel que caminhava para a terra da Promissão mandado por Deus que lhe appareceu em uma sarça do fogo abrazada, e attendendo mais ao grande empenho de minha comadre a sra. Maria da Silva, e a grande vontade que tenho de servir ao Reu e a mulata Catharina, sem embargo das testemunhas á fls. que provão contrapuducentes, não dou por isso e mando que com o Reu se não proceda, dando-se-lhe baixa na culpa e condemno ao autor nas custas e em pedir perdão ao R. na missa conventual pelo dólo e malicia com que o accusava, sem embargo de ter razão. Villa de Aguas frias, 18 de março de 1891. — **José Antonio Duran**".

No Centro Paranaense, quando foi a conferencia do Dr. Leoncio Correia sobre "A Poesia no Paraná". No grupo, o conferencista está entre as poetisas Anna Amelia e Cecilia Meirelles.

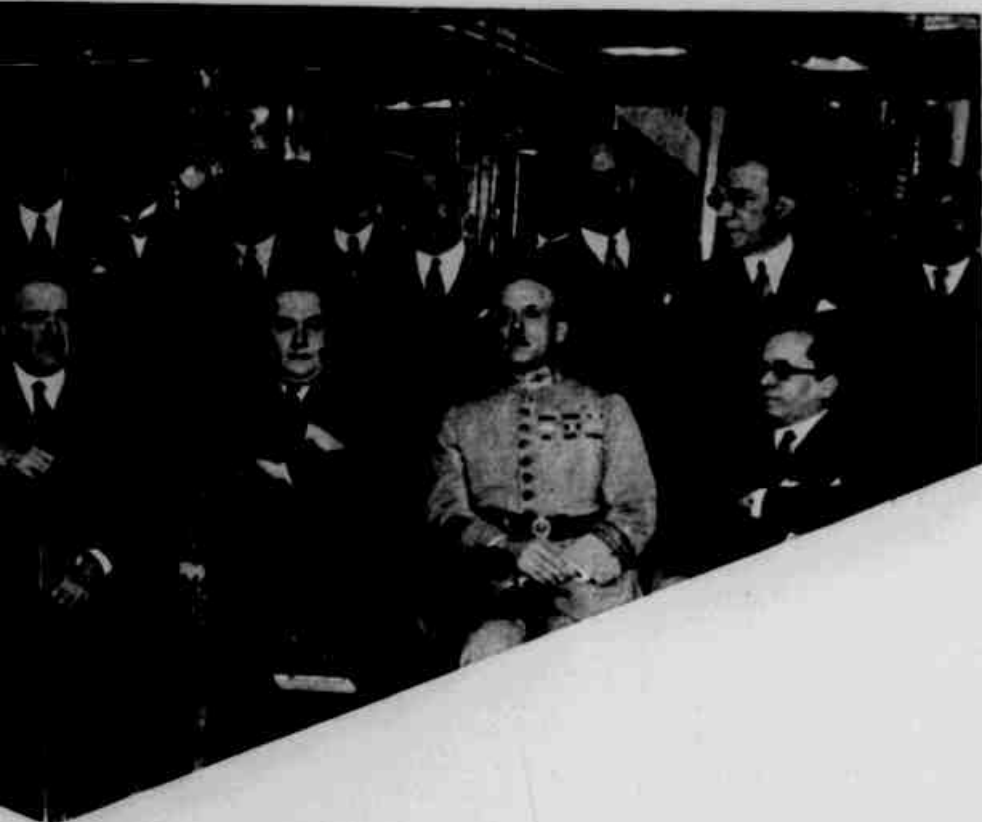
2º tenente José Bastos Padilha, o primeiro civil brevetado pela Escola de Aviação Naval.

Tres aspectos da festa ao ar livre offerecida pelos italianos do Rio de Janeiro á guarnição do "Trento", domingo passado, no Jardim Botanico.

Recepção offerecida pelo senhor Ministro da Marinha ao commandante e aos officiaes do navio italiano "Trento", segunda-feira, no Club Naval. — No centro da pagina: recepção aos illustres marinheiros pelo senhor Embaixador

da Italia. — Em baixo: um grupo apanhado durante o baile com que o Botafogo Foot Ball Club festejou no dia 12 mais um anniversario glorioso, o primeiro que passa depois de inaugurada a nova séde.

...nhor Ministro Octavio Mangabeira, na Embaixada Ingleza, ...lberto Trompowsky.

...outor L. M. de Souza Dantas, figura de brilhante destaque ...macia brasileira.

Tailleur simples e elegante. Modelo Martial et Amond, de Paris.

Sociedade

No Brasil, a "jeune-fille" tem um prestigio na sociedade como em nenhum outro paiz.

Na França, na Inglaterra e, em geral, em todos os paizes europeus, a "jeune-fille" fica trancada a sete chaves em severos collegios até a uma idade, ás vezes, um pouco exaggerada.

Surgem "dans le monde", quasi sempre depois dos vinte ou dos vinte e dois annos com um ar acanhado, timido.

Na época mais encantadora da vida, a "jeune-fille", passa, na Europa, completamente despercebida.

Tal não se dá no Brasil.

Isto não quer dizer que a nossa "jeune-fille" se descuide de sua instrucção e abandone o collegio antes de alcançar um certo grão de cultura, para andar pelos bailes e chás.

Apenas, os estudos, aqui, terminam mais cedo, porque começam mais cedo.

Na Europa, um joven de vinte e dois annos, formado em medicina ou direito, causa verdadeiro assombro, o que aqui é uma coisa perfeitamente commum.

Era esse o assumpto da conversa do meu encantador amigo, o diplomata X, sabbado ultimo, no jantar dansante do "Coq d'Or".

— Imagine você que, no ultimo inverno, em Paris, a marqueza de S. S. sabendo que eu estava só, sem familia, convidou-me para o jantar de Natal, em seu lindo "hotel particulier", na Avenue du Bois.

Annunciou-me que eu iria conhecer as suas duas filhas, moças de dezenove a vinte annos. Seria um "diner en famille".

Acceitei, contente, a grande gentileza.

Senhoritas Beatriz Bomilcar, Maria e Clara Padua Soares, discipula da Sra. Véra Grabinska, na dansa As Tres Graças, grande exito na festa do D. F. E. P. do Fluminense F. C.

Senhora America Xavier da Silveira, senhoritas Magdala e Lourdes da Gama Oliveira e Lou de Moreira Santos, presidente e directoras artistas do

Departamento Feminino de Educação Physica do Fluminense Foot-Ball com artistas que tomaram parte no programma de sabbado.

Eu pensava ir travar relações com "jeunes-filles", como as nossas.

Qual não foi a minha decepção quando surgiram duas lindas meninas, com um ar infantil insupportavel. Saltavam, falavam sobre mil assumptos, deixando-me atordoado.

Citaram versos de Corneille, Racine, Musset; adoravam a "Comédie Française", tudo isso numa velocidade assustadora.

Pensei, então, nas "maravilhosas" do Rio de Janeiro...

— "Maravilhosas", é bem o termo...

— Olhe ali aquella massa de mocidade, "chaperonée" pelo fidalgo casal Frederico Burlamaqui.

Que brilhante grupo de moças e rapazes! Veja as "maravilhosas": — Marilú de Paula, olhar bom, que faz bem; Ciçone Portocarrero, belleza que não ha de passar; Dorinha e Violeta Burlamaqui, alegria da vida; Beatriz Veiga, flor que o sol dourou...

— Que enthusiasmo!

— Não é para menos. As "maravilhosas" fariam o orgulho de qualquer sociedade do mundo. Olhe Goya Tigre de Oliveira, o grande successo da estação; a elegancia deliciosa de Lina Esquerdo; Lucilia Veiga, delicada figura de Greuze; Maria Yolanda Burlamaqui, "Broadway Melody"; Alda de Paula, lyrio que cresceu olhando o céo, deslumbrado... Em que paiz e em que sociedade você verá um grupo assim?

O Rio, meu amigo, é a cidade das "jeune-filles en fleur"... A orchestra tocou a valsa da "Divina dama".

Na meia luz do "Coq d'Or", as "maravilhosas" dansavam, leves, suaves, como um sonho bom...

VICTOR DE CARVALHO

O salão do Gymnasio do Fluminense Foot-Ball Club, sabbado passado, durante a festa que ali se realizou e foi tão applaudida

O ALMOÇO A JORGE DE LIMA NO CLUB DOS BANDEIRANTES

Entre Tarsila e Eugenia Alvaro Moreyra está o poeta. Sentados á direita: Adelmar Tavares e Carlos da Veiga Lima. A' esquerda: Manuel Band ira e Viriato Correia. Em pé: Almirante Heraclito Belfort, Pontes de Miranda, Alvaro Moreyra, Gustavo Barroso, Nelson Pinto, Martins Capistrano, Povina Cavalcanti, Augusto Frederico Schmidt e Oscar Tenorio.

Depois da missa em acção de graças pelo restabelecimento da senhora Pires de Mello, filha do casal Washington Luis, missa mandada rezar pela União dos Estivadores.

Em baixo: o nosso companheiro Adhemar Gonzaga, com sua Familia e amigos, no dia em que voltou dos Estados Unidos.

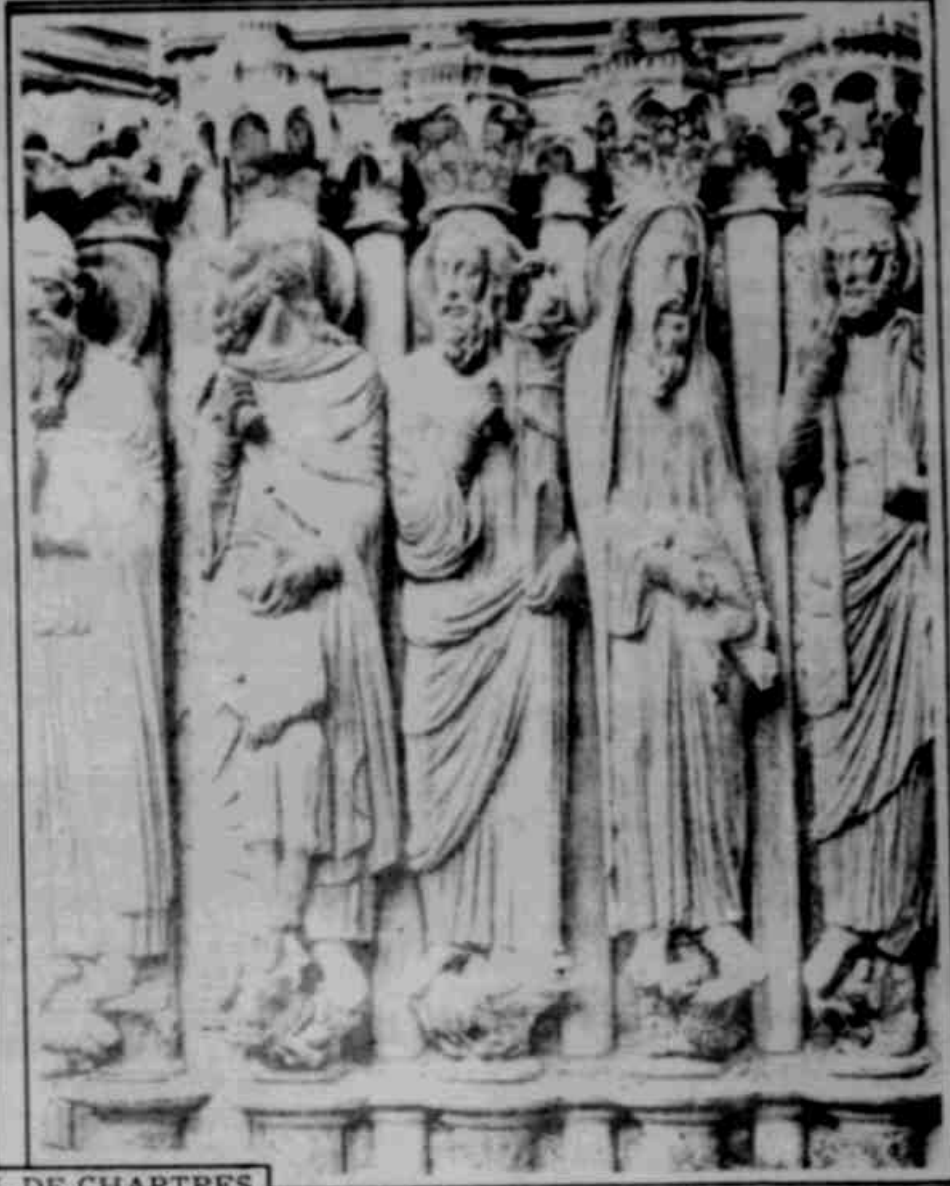
PERFUMES

Os antigos, que tanto apreciavam as essencias aromaticas, positivamente ficariam humilhados perante o desenvolvimento espantoso que attingiu em nossos dias a "arte do perfume".

Acredito mesmo que o velho Moysés repudiaria num gesto elegante os balsamos e unguentos, seus contemporaneos, para enchacar-se numa grande orgia aromatica de "Chipre" de Coty, ou em "Sakuntala", de Bichara, que lembra o odor aphrodisiaco das bayadeiras indianas.

Se pudessem os antigos percorrer como o grande Maeterlinck, Lille e seus arredores, e verem, deslumbrados, a seára das rosas ou a ceremonia triumphal da colheita dos heliotropios, em campos tão longos como os trigaes da Georgia do Sul, ficariam amesquinhados ao lembrar-se dos curtos plantios de balsamo e da sua apara no mez de Sivanú...

E ante as vitrines, como scenarios de bailados russos, dos grandes "magazins" parisienses, deter-se-iam attonitos e estacariam os olhos surpresos, ante — "Amour - Amour", de Jean Patou ou "Nocturno", de Mury, — os perfumes allucinantes da época, com que Mme Stylo e Mme Moda fazem por perfumar a mulher elegante do seculo XX, emquanto a dynamizam sob o estridulo harmonioso da "Jazz-Opera", chamada pomposamente VIDA, ensinando-lhe — a primeira — o segredo insinuante, meticuloso, exotico da perola para se fazer linda e — a segunda — desvendando-lhe os caprichos vermelhos de ser chamma.

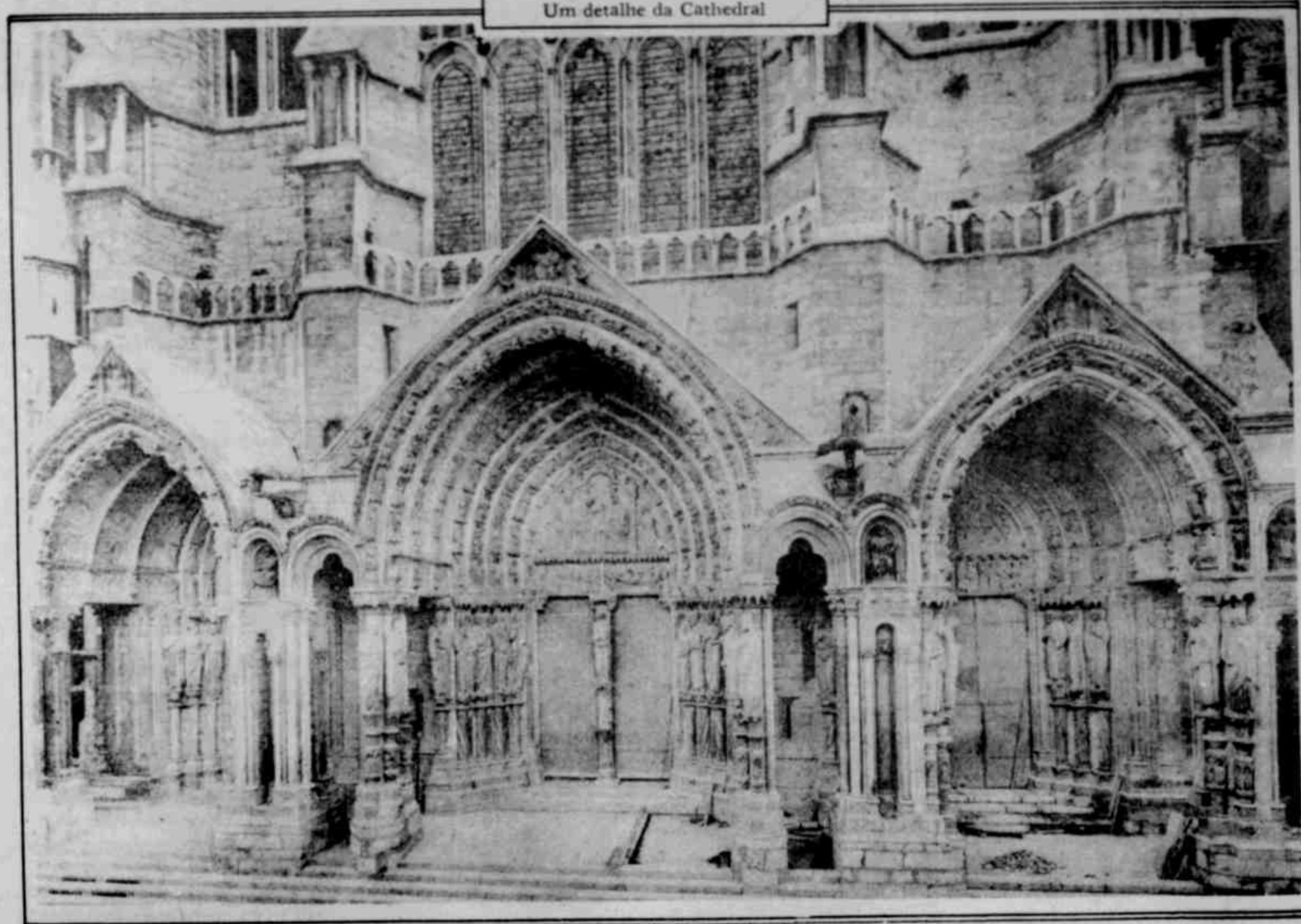
JOÃO RIBEIRO PINHEIRO

A CATHEDRAL DE CHARTRES

Os Santos que se vêem na fachada

Um detalhe da Cathedral

Um cliente exigente

de PÄR LAGERKVIST

DI CAVALCANTI ILLUSTROU

Vim para me demorar muito pouco. E' por isso que estou furioso de achar tudo aqui uma desordem diabolica.

Venho das trevas eternas neste "palacete" para turistas de passagem, estou com pressa, tenho pressa de acabar com isso, quero tranquillidade e conforto para gozar bem os encantos do logar e verificar as suas qualidades que tanto me gabaram. E eis que está tudo revirado: moveis amontoados em grandes pilhas no hall, pintores que tornam a pintar paredes e tectos, marceneiros que concertam o chão e collocam novas taboas, martellando, batendo, pregando. Typos gordos e brutaes amassam cimento em côchos immensos. Individuos negros e suspeitos derrubam as escadas. Figuras estranhas e equivocas envernizam os corrimões, limpam as vidraças, mudam os apparelhos de illuminação.

Baldes de tinta, lascas de madeira, cimento, pontas, cavalettes, cepos. Cheiro de pintura, de mastique, de cimento e de madeira verde. E gritos, uivos infernaes.

Vão demolir tudo, vão reconstruir tudo. Demolir e reconstruir, reconstruir e demolir!

Sou empurrado, maltratado, injuriado por esses homens grosseiros; assim que entro acho-me no seu caminho e escorrego, injuriado, nos seus escarros immundos.

Finalmente encontro creados; são delicados, apesar da confusão; não esqueceram o que devem a um freguez.

Pedem-me toda sorte de desculpas, mas o que querem, nada disso adeanta, nada.

O momento da minha chegada é deploravelmente mal escolhido, tudo está em desordem, elles mesmos não sabem o que fazer.

Mostram-me um quarto com um papel velho meio arrancado, um fogão - chaminé desmantelado, cujos pedaços entulham grande parte do chão, uma cama de ferro sem colchão.

E retiram-se apressados, pois ha mil coisas para experimentar pôr em ordem.

E' terrivel, porque só tenho deante de mim um espaço muito limitado de tempo. Nunca poderei concentrar-me se ficar aqui, se tiver de viver nessa bagunça, nesse barulho infernal.

Tinha, entretanto, sonhado viver em paz chegar serenamente ao conhecimento das coisas, de ficar commigo mesmo, de achar idéas firmes e definitivas antes de ir novamente embóra.

Mas nessa barafunda não attingirei nunca a clareza alguma, nunca poderei pôr ordem nessa desordem, nem de me concentrar, nem de vir a ser um sêr completo.

E' preciso que eu me resigne, no entanto. Passeio desde manhã até á noite no meio de baldes de tinta, lascas de madeira, cimento, salto por cima de moveis derrubados, montes de madeira verde e cheirosa.

Dia a dia circulo entre operarios grosseiros que cospem e praguejam e á noite deito-me numa cama, cujas barras de ferro entram profundamente nas minhas costas, sem poder dormir, doente, exhausto, dilacerado.

Durante annos e annos, e mais annos ainda, pois aqui o tempo passa com uma rapidez espantosa. Apenas chegado, já se está longe.

Estou desolado. Ando á roda como um idiota, o rôsto pallido, entorpecido pelas vigilias, a angustia e as ruminações sem fim sobre o meu destino. Eu proprio sinto que pareço estupido e ridiculo e se o esqueço, a turba em volta de mim não perde uma opportunidade de mo lembrar.

Mas eu não me importo! Abandono-me, inteiramente, ao meu desespero, á minha decepção amarga.

E não me envergonho: circulo, com as lagrimas nos olhos, entre esses individuos rusticos, dominado pela minha angustia e a minha dôr Annos e annos. Estou cada vez mais deprimido pela confusão, o barulho, a horrivel desordem em torno, embrenho-me cada vez mais no sonho e na incerteza da significação de tudo isto.

Por fim, não posso mais. Esta incerteza causa-me soffrimentos atrozes; uma idéa atormenta-me sem cessar, tira-me o socego por completo. Porque, no fundo, só ha uma. E' preciso que eu interrogue e saberei, talvez.

Se sómente eu soubesse, tudo estaria b e m; poderia começar a emprehender alguma coisa e tornar-me um homem commum.

Chamo um creado no momento em que vae passando por mim com a maxima rapidez.

— Oh! perdão... Não me poderia dizer...

— O que ha? grita elle, mas já vae longe.

Então comprehendo que me torno ridiculo. Que idéa querer interrogar alguem que está com tanta pressa!

E' uma pergunta que só se deve f a z e r a um amigo depois de ter meditado longamente.

Estou envergonhado, tiro um grão de pó da minha calça e olho desconfiado para meus sapatos que ainda estão mais ou menos elegantes.

— Oh! nada, respondo, puxando meu relogio atrazado de um meio dia. Elle já desappareceu.

E os annos passam.

As frontes principiam a enbranquecer, estou fatigado, muito fatigado.

Em volta de mim batem e sapateiam, derrubam e concertam, gritos, ruidos, tijolos e andaimes.

Homens grosseiros, blasphemias, escarros em que se escorrega.

Carrego minha miseria; experimento carregal-a, eu mesmo, mas cada vez se torna mais pesada. Não posso mais e caio com ella, prostrado.

E' preciso que me appoie em alguem, que encontre auxilio onde quer que seja; é forçoso que indague, que tome informações, que procure saber.

Estou alquebrado pela incerteza terrivel de cada coisa, pelas experiencias estereis de achar uma significação, uma significação!

Um dia faço um creado parar novamente. Tomo coragem, não o quero deixar escapar som o ter interrogado.

— Perdão... Não saberá...?

— O Senhor deseja? diz-me, affavel.

Eis-me de novo envergonhado. Estas palavras correctas provam-me que me ia exprimir com demasiada solennidade, que meu estado de espirito é de máo gosto, é o de um homem irritado.

Admiro estas palavras banaes pronunciadas com desembaraço e indifferença, procuro imitar a sua entoação, quizéra falar mais ou menos nesse tom. E emquanto timidamente gyro a bengala no ar, digo-lhe de um modo negligente:

— Oh! uma idéa que me vem ao espirito...

Mas quando quero proseguir, sinto subitamente toda a minha angustia me avassalar, e minha voz treme de emoção como a de um homem que grita no auge do desespero: — Diga-me... diga-me... **por que vivemos nós?**

Elle não se ri de mim; nada vê de comico na minha conducta ou, ao menos, não o demonstra.

Reflecte longamente e depois diz:

O senhor não quereria ter a bondade de se dirigir á administração? No primeiro andar á esquerda, faça favor.

E desapparece levando dois dedos ao barrete.

Fico ali, abandonado, o coração confrangido. Elle tem razão; devia me ter dirigido á administração. E' evidente.

Um creado commum não tem obrigação de dar explicações semelhantes, é ridiculo fazer dessas perguntas a um homem de barrete com galões, um inferior, um pobre diabo que não tem tempo de pensar em coisa alguma.

Se eu tivesse a ousadia de entrar no escriptorio! Se ousasse, olho, porém, timidamente a pequena porta com sua placa de cobre e vidro fosco; cada vez que devo passar por ella, fujo atemorizado, porque ainda não paguei minha conta.

Estou á espera de um vale que nunca chega. Nada possúo, mas espero dinheiro de um certo lado, não sei de onde e elle nunca chega.

E durante esse tempo, a minha divida augmenta cada vez mais.

Não ouso entrar; não, por cousa nenhuma deste mundo, não ousaria entrar.

Deus meu, é horrivel, não tenho direito algum de ficar aqui, nem ao menos neste inferno!

Volto, pé ante pé, ao meu quarto, salto o monte de tijolos empoeirados, atiro-me sobre a cama cujos varaes cortam-me as costas. E medito até cahir de somno, desesperado.

Fico ali, deitado, doente, abandonado. Annos e annos.

Não tenho mais forças para me levantar. O tempo corre com rapidez vertiginosa! Em torno de mim ouço a algazarra: derrubam reconstrôem.

Medito e medito — por que, mas por que? **Porque!**

Vim, entretanto, aqui com a intenção firme de tudo comprehender e de me comprehender a mim mesmo.

Reflicto e reflicto, procuro a **significação!** Meu Deus, uma vez que eu saiba o que tudo isto quer dizer, eu tambem me porei a trabalhar. Eu procuro a **significação!**

Annos e annos e mais annos. Envelheço, sou hoje um velho de cabellos brancos e bastos, as mãos enrugadas, os labios tremulos.

Em torno, pregam, b a t e m, uivam e debatem-se.

Que Diabo, para que se possa pensar de modo continuo e profundamente, para que se possa chegar realmente a um resultado, é claro que se precisa ter em volta de si a maxima tranquillidade e completa paz! E' evidente que para se chegar a um resultado de conjuncto é necessario outra coisa que uma desordem tão infernal. Que o diabo os leve!

Envelheço, envelheço. Vou morrer, com certeza, vou morrer!

Então o meu desespero torna-se sem limites. Atiro-me sobre a cama, com febre; os varaes de ferro dilaceram meu corpo até o sangue, e o sangue gotteja sobre o chão. Lamento-me e gemo de dôr, dou gritos agudos.

A significação, a significação!

Não, eu mesmo não posso achal-a. Eu mesmo não posso!

Se chamasse os creados? Se pedisse a um delles para ir buscar a explicação no escriptorio? Poderiam talvez escrevel-a num pedaço de papel?

Não! Não! Enviar-me-iam sómente a conta e não tenho com que a pagar.

Espero uma carta, espero muito, muito dinheiro numa carta que nunca chega. Espero-a confiante, espero-a de um certo lado, sei que vae chegar a cada instante. Mas nunca chega, nunca nesta vida! Não tenho direito algum de ficar, não tenho direito algum de estar nesta cama que rasga minhas costas.

Todos os outros trabalham como mouros, eu espero uma carta.

Todos os outros pregam, martellam, forram, lavam, envernizam; eu medito, procuro a significação, o sentido de todas as coisas.

Se tocasse? Escreveriam, talvez, num pedaço de papel? Não! Não! Não é uma explicação que se possa pedir tocando a campainha, não é coisa que possa escrever num pedaço de papel. Oh! Deus meu...

Agora sinto a morte que se approxima. Sim, sim, daqui a pouco morrerei, estarei morto daqui a pouco!

Meu Deus, oh! meu Deus...

Então, levanto-me, ando como um homem embriagado em volta do meu quarto.

Acho roupa, farrapos mofados num canto; transido de frio visto-os, saio cambaleando, desço as escadas.

Não tenho collarinho, vejo-me obrigado a esconder com a mão o meu pescoço nú. Riem de mim, caçoam de mim, cospem, não dou quasi attenção. Eis-me, emfim, deante da porta da administração. Vejo vagamente a placa de cobre e o vidro fosco acima da entrada, atraz da qual se move uma grande sombra. Tremo.

Respiro profundamente diversas vezes, procuro concentrar-me, envolvo-me mais completamente nas minhas roupas mofadas. Depois, emfim, dou volta ao trinco.

Por traz de um balcão em nogueira lustrosa está de pé um senhor de fraque e calça riscada, com um grande annel no dedo indicador e uma luneta cujo bordo superior é recto como uma setta. E' o diabo em chefe. Mede-me com um olhar rapido.

Conservo o casaco fechado, passo as mãos nos meus cabellos embaraçados, procuro ser calmo, muito calmo, completamente calmo.

Adeanto-me para o balcão, apoio-me nelle com ambas as mãos e inclino-me um pouco para a frente.

— Perdão, senhor, digo-lhe eu, poderia dizer-me por que vivi?

Elle approxima-se, apoia-se exactamente como eu e no entanto de modo diverso, parece-me. Inclina-se para mim; tem uma gravata azul com um alfinete e um halito agradavel. Pergunta:

— O senhor? O senhor, pessoalmente?

Faço um signal affirmativo.

Então elle abre um grande livro e examina-o, encontra meu nome e segue com o dedo as paginas de cima para baixo, paginas em branco com tres columnas vermelhas á direita. Isto é penoso, é medonho.

Depois elle fecha o livro bruscamente, dirigindo-me um olhar penetrante.

— Do diabo se o sei!

E' só o que me responde; não me censura nada, nem me olha mesmo, volta tranquillamente á sua tarefa. O meu caso não parece interessal-o; não o interessa absolutamente! Curvo-me, acabrunhado. Balbucio algumas palavras, elle não as ouve. Passo os dedos nos meus cabellos molhados como os de uma creança e vou cambaleando para a porta. Desço as escadas, atravessando o vestibulo immenso, transpondo montes de taboas, andaimes, rompendo a turba de operarios barbados. Mas ninguem mais me insulta, ninguem me empurra nem me maltrata. Eu não interesso mais ninguem. Eu já os não interesso mais!

Estou morto!

Despercebido, saio pelas portas escancaradas e volto para as trevas sem fim, de onde vim.

(PAR LAZERKVIST)

P. Lazerkvist nasceu em Växio (Suecia), em 1891; apesar de muito moço já publicou uma duzia de volumes e até suas "Paginas escolhidas", este anno.

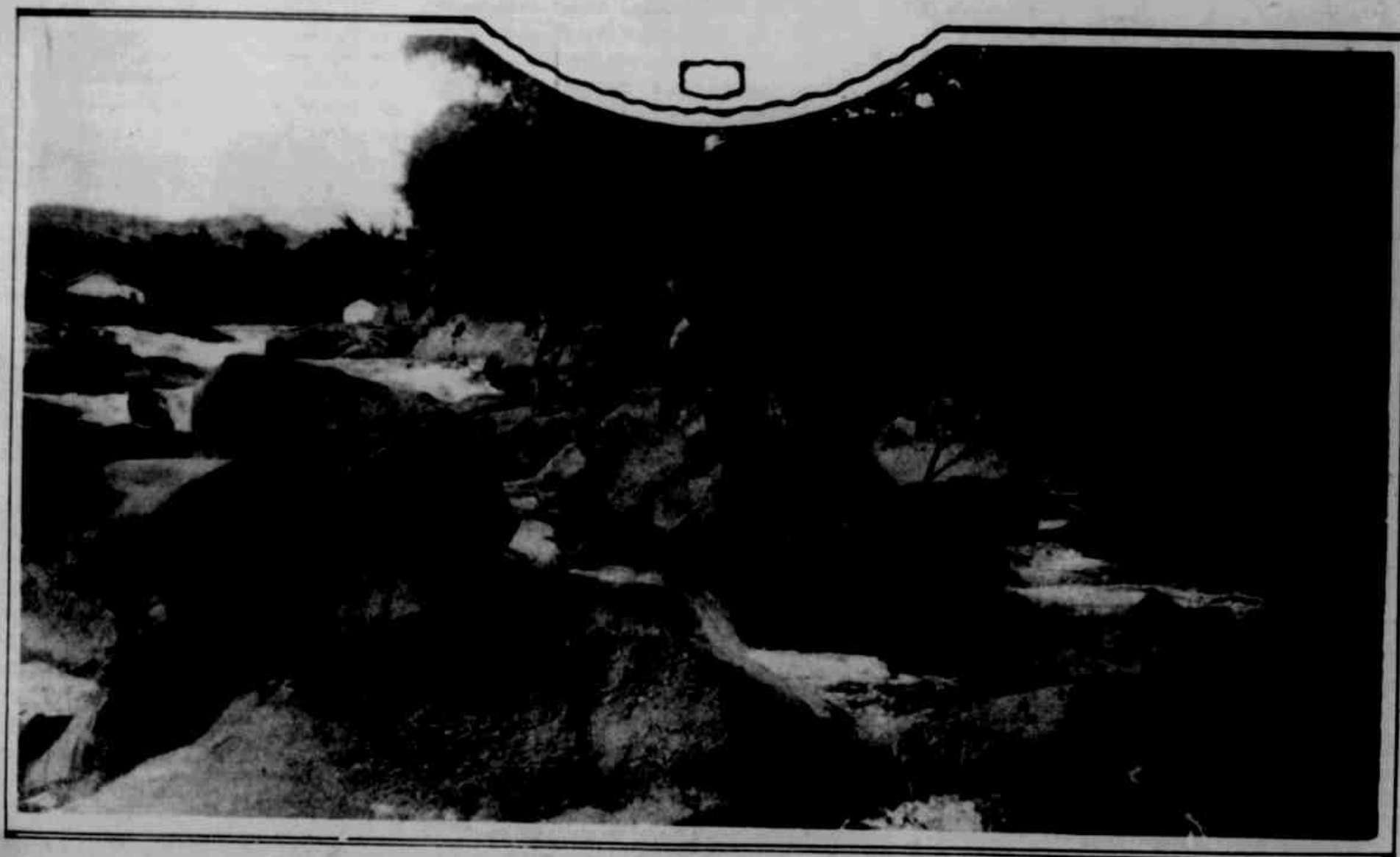
Escreveu contos, novellas, poemas, ensaios que o classificaram logo entre os melhores e os mais originaes dos jovens escriptores suecos.

"Procuro o sentido da vida", repete o "Freguez exigente" e estas palavras poderiam servir de symbolo a toda producção literaria de Lazerkvist. Procurou-o primeiro com desespero frenetico nos seus primeiros livros, "Angoisse et Chaos", de que tirámos esta novella; procura-o ainda nos ultimos, "Le sourire éternel" e "Le Chemin de l'homme heureux", em que a sua natureza fundamentalmente religiosa o leva para o apaziguamento e serenidade em Deus, "a obra mysteriosa dos homens".

Seu estylo simples, directo, angustiado, é muito individual; estylo simples na apparencia, mas no fundo muito reflectido e que dá uma força extremamente suggestiva aos contos symbolicos e curtos em que o autor é mestre.

.. (Termina no fim da revista)

NO CURRAL PELA MANHÃ

O RIBEIRÃO DEPOIS DA ENCHENTE

MUSICA

Com poucos dias de differença, tivemos dois recitaes de violino: o de Carlos de Almeida e o de Francisco Chiaffitelli. O primeiro é uma das mais recentes e merecidas Medalhas de Ouro do Instituto. O segundo é o bello artista, que todos conhecemos, o *virtuose* privilegiado, deante de cuja arte todos vibramos emocionados. Effectivamente, Chiaffitelli constitue um caso verdadeiramente a parte no nosso meio. Ninguem, mais do que elle vive assoberbado de alumnos, ninguem, mais do que elle tem o seu tempo tomado pelo trabalho. Depois de se ter apresentado perante as mais exigentes platéas do mundo, conquistando applausos e colhendo louros, no turbilhão da vida vertiginosa de concertista, deixou-se ficar no Rio de Janeiro, para se dedicar ao professorado. Sendo, como é, umas das nossas maiores autoridades violinisticas, nunca mais Chiaffitelli pôde ter um momento de folga, disputado, como tem vivido, por todos. Se tivesse abandonado o seu instrumento, dedicando-se exclusivamente ás lições, ninguem se admiraria. O que a todos admira é que o professor, em Chiaffitelli, não tivesse feito esmorecer o *virtuose!* Por isso mesmo, quem o ouve tocar primorosamente e quem lhe conhece os alumnos, verdadeiros artistas, que lhe sáem das mãos, fica, como nós, sem saber quando Chiaffitelli é maior — se como professor, se como concertista! E' que elle, como fino artista que é, antes de tudo é um enamorado da arte, que o escolheu como um dos seus eleitos. Vive, por isso, sempre, dentro desse lindo sonho que mantém, nelle mais do que em ninguem, o fogo sagrado do grande amor á arte. Chiaffitelli, mais uma vez, triumphou em toda a linha. O seu recital foi um prazer para o publico. O seu programma, uma delicia para os nossos ouvidos. A sua execução, um enlevo para o nosso espirito. A sua interpretação,, um encantamento para a nossa emotividade. Carlos de Almeida, como dissemos, é um violinista que apenas começa. Mas para vencer, falta-lhe sómente proseguir, estimulado pelo indiscutivel successo de seu primeiro recital. Elle possue um dom não muito commum entre estreantes: — o de interessar o ouvinte, pela segurança de seus predicados technicos, pelo indiscutivel valor de sua escola. Está, portanto, mecanicamente apparelhado para interpretar as grandes peças do repertorio, faltando-lhe, sómente, que o tempo se encarregue do resto, pois Carlos de Almeida tem apenas o defeito, o feliz defeito de ser muito joven... Mas para ser, amanhã, um nome dos mais respeitados entre os nossos violinistas, basta que prosiga, com o mesmo enthusiasmo com que conseguiu chegar ao ponto onde chegou.

* * *

Senhorita Dóra Bevilacqua. Premio de viagem do Instituto Nacional de Musica. Não é a primeira vez que seu nome figura em nossas columnas. Ao contrario, verificamos com prazer que as predicções nellas registradas por quem póde fazel-o se vão realizando. Assim, a proposito de seu ultimo recital ahi se dizia: "...a recitalista, que mal surgia, titubeante, no meio de nossas pianistas, é hoje uma artista surprehendente, sob qualquer aspecto que a queiramos apreciar". "Dóra Bevilacqua, como dissemos, é um nome que se firma vertiginosamente. Será, amanhã, uma das nossas maiores pianistas..." Quem esteve no Instituto no dia de seu ultimo concurso viu o que foram as provas que prestou e as manifestações que recebeu da massa de povo que se comprimia no recinto das audições, avaliada em mais de 3.000 pessoas!

De volta de uma prolongada excursão pela Europa, chegou ao Rio a joven pianista Innocencia da Rocha, que daqui partira havia varios annos. Esse regresso, mercê do qual é restituido ao nosso meio musical um dos seus mais formosos talentos artisticos, não foi, entretanto, para nós, completamente feliz. Ha cerca de cinco annos, Innocencia daqui partira juntamente com a sua inolvidavel irmã Valina, ambas muito jovens, cheias de enthusiasmo, levadas pelo mesmo sonho de glorias. E Innocencia, agora, regressou sósinha!...

Por estas mesmas columnas, acompanhámos sempre com carinhoso enthusiasmo, todos os passos das duas talentosas irmãs, que tão dignamente iam fazendo, na Europa, o seu papel de embaixatrizes da nossa Arte. As primeiras noticias, que de lá nos chegaram, foram as mais lisonjeiras para com as duas talentosas pianistas. Registrámos, então, as primeiras exhibições em publico, os primeiros applausos, as primeiras victorias conquistadas. Mas não durou muito tempo esse momento feliz. As primeiras noticias alarmantes chegaram... Valina, a meiga Valina fôra colhida pela enfermidade impiedosa. E não houve esforços, nem houve carinhos que lhe salvassem a vida preciosa e bôa. A fatalidade! Quando a gloria lhe começava a sorrir, Valina, a meiga Valina, como uma pequenina flôr que apenas se entreabrira para as alegrias da vida, pendeu na haste... E Innocencia, agora, regressa sósinha!...

* * *

Não nos era possivel, ao registrar o regresso de Innocencia da Rocha, esquecer o nome de Valina. Porque, para nós, essas duas creaturinhas estavam de tal fórma unidas, que não pudemos, até hoje, conceber uma sem a outra. Todavia, essa é a dolorosa verdade. Innocencia

Recepção em casa das familias Figueiredo e Mafra em homenagem aos pianistas Friedmann, Moisiewitsch e Emil Frey.

voltou sósinha... Nós saudamol-a muito effusivamente esperando, muito breve, transmittir aos leitores as suas impressões.

* * *

A temporada musical deste anno teve já, para seu maior brilho, a fortuna de attrahir ao Rio tres celebridades pianisticas mundiaes: — Friedmann, Moisiewitsch e Emil Frey, cada qual mais querido da platéa carioca. Citámos os tres nomes dos tres colossos, na ordem da chegada a esta Capital, em occasiões diversas. Aqui estiveram, realizaram, sob geraes acclamações, as suas temporadas de concertos e daqui partiram, rumos diversos, em conquista de novas glorias para as suas carreiras. Mas o acaso tem caprichos curiosos, e, de um momento para o outro, quando menos se esperava, reuniu nesta Capital, de passagem, os tres gigantes do piano. Esse facto, absolutamente inedito, de se reunirem no Rio de Janeiro tres pianistas celebres, passou despercebido aos todo-poderosos da terra, que não sabem aproveitar a fortuna que Deus lhes deu, nem desfructar com intelligencia superior a posição de mais ou menos destaque que têm na sociedade. Mas não passou despercebido daquelles para quem a Arte não constitue apenas uma profissão, porque é, antes de tudo um verdadeiro culto. E aquillo que não quizeram ou não puderam fazer outros, fizeram as quatro irmãs Sylvia de Figueiredo Mafra e Suzana, Helena e Heloisa de Figueiredo, em cuja residencia Moisiewitsch, Emil Frey e Friedmann, todas as vezes que aqui aportam, são frequentemente recebidos, na mais affectuosa e amiga intimidade. E, assim, aproveitando-se da feliz coincidencia de se encontrarem no Rio os tres celebres artistas, as irmãs Figueiredo reuniram-nos em sua aprazivel vivenda do Ipanema, em uma recepção intima, que foi, sem duvida, a nota mais suggestiva do nosso momento musical. Não foi, talvez, uma festa de esplendor apparente e de brilho falso, porque foi uma reunião de um expecional brilho artistico. Sentindo-se todos os presentes inteiramente a vontade, na companhia dos tres hospedes illustres, estes por sua vez demonstraram fartamente, que se achavam perfeitamente bem naquella reunião, da qual eram, sem duvida, as tres personalidades maximas. E as tres, depois de applaudir a cantora brasileira, Sra. Heloisa Bloem Mastrangioli, revesaram-se no piano, offerecendo ás pessoas presentes uma inesquecivel hora de supremo gozo artistico. O facto merece registro especial, porque talvez nunca mais se repita, nem para nós, nem para os tres celebres pianistas, hoje seguindo, cada um rumo differente, em busca de applausos que lhes augmentem, cada vez mais, as glorias da carreira.

Um encontro raro. Tres grandes celebridades mundiaes, reunidas numa mesma noite, no Rio de Janeiro. Friedmann, Moisiewitsch e Emil Frey.

Em cima, á esquerda: senhoras e senhoritas que estiveram no chá dansante que se realizou no Club Militar.

■

Em baixo: a Associação Brasileira de Pharmaceuticos festejando a data do advento da pharmacopéa brasileira.

No grupo dos artistas que foram preparar a inauguração do Salão de 1929 estão: senhora Sarah Villela de Figueiredo, Raul Pederneiras, Helios Selinger, Marques Junior, Paulo Gagarin, Orozio Belem, Manuel Faria, Modestino Kanto, Levino Fanzeres, Adalberto Mattos, Francisco Aquarone, Pedro Bruno, Euclydes Fonseca, Humberto Cozzo.

Da semana que passou

A' direita, em cima: bacharéis de 1907, entre elles o Ministro Victor Konder, que se reuniram num almoço saudoso.

■

O ultimo almoço do Rotary Club, no Palace Hotel

Vernissagem do Salão de Bellas Artes

Em Casa Branca no Estado de São Paulo

Em cima: Club Casabranquense e parte do jardim publico da linda cidade.

Depois: alumnas da Escola Normal de Casa Branca em exercicios gymnasticos.

PHOTOS J. GULLACI, RIBEIRÃO PRETO

Em baixo, á esquerda: grupo de alumnas do Gymnasio de Ribeirão Preto em frente da Escola Normal de Casa Branca.

A' direita, em baixo: os quadros femininos do Gymnasio de Ribeirão Preto e da Escola Normal de Casa Branca.

A RESPEITO DE D. JOÃO

— O HOMEM —

D. João, a cobiça, o desejo, o amor-peccaminoso, o amôr-instante... depois o abandono, a extincção dos affectos a ansia de novos corações, de outros carinhos.

O amôr de D. João é a synthese do amôr viril: "Plurifeminae."

O conquistador remóe a angustia permanente de uma carne nova. D. João pretende amar, vive para amar, nasceu amando... mas elle ama a "mulher" representada nas mulheres, em todas as mulheres bellas.

A mentira de seus labios adestrados nos rimances endeusativos, nos phraseios galantes — é a pura verdade do fatalismo incombativel de seus instinctos.

— A MULHER —

Eu vejo em D. João a delicia de todos os peccados.

O bem é o mal de todos os gosos! O mal é a summa-tentação... Desmaiar no beijo onde se crystallizam as delicias todas... acordar na Morte!

D. João é a Morte que nos seduz para as nupcias geladas, no silencio frio, immensamente frio das tumbas!

O beijo de fogo do nosso amôr se confunde com a sensação glacial de uma dentuça sem labios, sem halito, secca de salivas, muda de lingua...

Eu vejo em ti D. João o ideal dos que se suicidam por amôr! A Morte com a sua immensa formosura, és tu. O teu chapéo e a tua capa-negra vestem um esqueleto com a tua musculatura flexivel e agil, dão-lhe a attracção da tua sombra e o perfil venenoso de teu rosto!

— O PSYCHOLOGO QUE VÊ ERRADO —

D. João é a insaciedade, é a objectivação do intangivel, é a volupia das volupias.

Não escondas, mulher, o teu rosto illuminado de amarguras ou emmoldurado na estatica belleza da dôr. D. João descobril-o-á e seu consolo vem subtilmente envolto com o crépe d'outras amarguras. A amargura do amôr que desespera, a magua da insatisfação dos desejos immortaes... D. João é um Moloch infinito que não dorme nunca.

Elle quer o alimento da carne, mas não póde dispensar o devotamento incondicional dos espiritos que o amarem.

— EU —

O' dactylographa morena que dedilhas as canções commerciaes mais gananciosas nesse setimo andar, — repara no senhor barrigudo e vermelho que te sorri emquanto enxuga as mãos naquella toalha de côr duvidosa.

E' D. João!

Bilheteirinha gentil desse Cinema-Perdição, attenta um pouco para o rosto pallido desse cavalheiro que em vez de pegar o trôco, procurou a tua mãosinha deliciosa... E' D. João!

E vocês duas, meninas de verde, "boina" e pasta, porque não foram assistir as aulas de piano do Instituto? Para irem, em companhia de um senhor de monocullo, sobrancelha inclinada, capa ampla, apreciar a ultima pellicula sonora do Serrador, — eu sei!

Esse typo amavel que sorri enfeitado de anneis e cheirando a Jean Patout, é D. João! Promette automoveis e joias; promette sempre, promette tudo, até amôr!

Olhem senhoritas, ali vae elle, naquella barata "Chrysler". Passeia de tarde na Avenida Atlantica.

Sorri superiormente, tentadoramente ás donzellas que aspiram um bom partido! A' noite vae ao Cabaret mas não se demora que ali não lhe anda caça.

As vezes disfarça-se de "chauffeur" de taxi, de guarda civil, de bombeiro, e vae buscar as serviçaes novatas de Tijuca ou de Botafogo.

D. João gosta dos balnearios e das estações aquaticas. Veste-se elegantemente, ás vezes farda-se, sabe "trucs" de jogo, faz escamoteações de cartas e trocadilhos de palavras; insinuante, irrisistivel, tem um brilho aspero no olhar e suas gargalhadas parecem o entrechocar de laminas aceradas em combate.

Ousado, fidalgo, maneiroso, intelligente, D. João fez-se, de antigo espadachim, um desportista com invejavel musculatura. Monta magnificamente e conhece as artimanhas do "box". Já viram com que "performance" arrebatou o campeonato do "crawl"?

Emquanto o namorado mandava flores e versos a Eleonora, D. João esperava-a num dos corredores escuros do hotel para vencel-a com o impeto de seus abraços e o inferno de seus beijos...

D. João espera que o "Seu Ferreira vá para o "forum", que o "seu" Vargas siga para a Feira de Amostra... para telephonar a D. Yayá e a D. Dulce marcando encontros no Capitolio ou no Balneario da Urca.

Hontem cheguei repentinamente ao gabinete e vi D. João cynicamente disfarçado de "mata-mosquito", apertando nos braços uma de minhas empregadas!

. . . .

HERNANI DE IRAJA'.

Senhorita
Lenira Martins Alvarez,
de Sant'Anna do Livramento,
Rio Grande do Sul

Senhorita
Luiza Pinto de Abreu Lima,
2º logar para Miss Maceió.

Senhorita
Isaltina
Loureiro
Rainha dos Empregados no Commercio
de
Ribeirão Preto

Senhorita
Elsa Almeida Silva
muito votada para
Miss Maceió

Rio Grande do Sul
Alagôas
Minas Geraes
São Paulo

Senhorita
Desdemona Marchesini
Rainha dos Empregados no Commercio
de Juiz de Fóra

De Elegancia

FRIO e calor. Calor e frio. Como arranjar vestidos que satisfaçam a inconstancia da temperatura? Como sahir á rua, sentindo calor, se, na volta á casa faz frio? A moda actual prevê tudo isso. Não ha mulher elegante, mesmo que conte com pequenos recursos, que não tenha duas ou tres capas, dois ou tres casacos curtos que sirvam a uma duzia de vestidos. Tambem com a mania de trazer taes agasalhos por cima dos hombros sem as mangas vestidas, facil é carregal-os. Facil e "chic", porque o "chic", no caso, é mesmo usar tal vestimenta como a usa a argentina. Portanto, a moda, dessa vez, veiu do Rio da Prata...

Um vestido leve, de crêpe ou de gaze, de musselina ou de renda requer um "manteau". Já se fazem tres vestidos para um só "manteau". Ha a preoccupação constante de tornar cada vez mais pratica e facil a mais inconstante das deusas — a Moda.

* * *

De rigor: os "ensembles" esporte. Quatro modelos nesse genero: "pull over" de "tricot" "beije" com desenhos côr de tabaco. Saia de pregas largas, chapéo de fina pellica côr de tabaco e pospontos de seda "beije";

Saia de lã escosseza, frente em forma, "pull-over" de "jersey" guarnecido de tiras estreitas de couro dourado;

Vestido "chemisier" de crêpe da china verde pallido, "plastron" de pregas meudas e saia pregueada na frente;

"Deux-piéces" de crêpe da china azul celeste. Saia do mesmo tom estampada de amarello ouro e azul rey. Cinto pospontado.

* * *

A cidade continúa animadissima. Alguns dias de calor e muitos vestidos de meia estação, aliás os mais indicados para o nosso clima. Voltam-nos dias frios: muitos vestidos de inverno. Mas, pouco a pouco a carioca vae requintando a maneira de vestir. Não são ainda em pequeno numero as que vêm á rua com "toilettes" proprias para espectaculos de gala ou bailes. Sem exaggero: nem o decote é reduzido Comtudo, e de algum geito, o exemplo das que sabem vestir vae frutificando. Por isso, ha dias em que se tem a melhor das impressões percorrendo as ruas da cidade e examinando as passantes. Harmonia de côres, de linha e tambem discreção na "maquillage" que tem sido, nos ultimos tempos, applicada em demasia. Um dos meus amigos, homem de

espirito, costuma dizer que não gosta de roupas nem de mulheres desbotadas. Mas roupas desbotadas estamos fadados a ter ainda, emquanto não surgir o remedio que ha-de tornar fixa a côr dos tecidos. E mulheres desbotadas só quando, não usam carmim e "baton". Apenas cuidem das boas côres, sem que estas nos deem a impressão de que as ruas estão frequentadas por criaturas apopleticas...

• • •

Mais quatro modelos elegantissimos vistos nos salões de A. Dorét, o cabelleireiro que todo o Rio conhece, e perfumista fino:

Vestido de crêpe da china estampado, flores multicôres sobre fundo preto, guarnecido de estreitos babados plissados de crêpe preto;

Vestido de crêpe setim azul electrico, botões côr de lacre e collete branco;

Saia e casaco — sem mangas — de crêpe "georgette" verde agua, todo plissado, e blusa bordada a contas de côr;

"Manteau" de crêpe "marocain" preto forrado de crêpe setim branco.

• • •

Rendas e pelles: na Casa Machado.

• • •

Os automoveis de luxo: Stutz e Black Hawk.

SORCIÈRE

Um grande theatro moderno

(FIM)

— desdobra-se em semi-circulo, sobre 30 metros de altura, tendo uma concavidade de 19 metros de profundidade e armada em semi-tronco de cône. Estica-se sem uma préga, graças a um dispositivo do engenheiro Hasait.

10 projectores de 3.000 watts e 180 projectores de 1.000 watts projectam á vontade sobre essa tela uma illuminação de 200 kilowatts. O emprego de filtros em "cellon" (especie de celluloide ininflammavel) permitte fazer percorrer a essa cascata de luz a escala total, com todas as suas nuanças, das 7 côres do espectro solar. Por isso as 228 alavancas do registro para mutação da luz — combinando á vontade os projectores de scena presos no lado interno do frontespicio movel, a gambiarra, a ribalta illuminada directa ou indirectamente, os projectores dissimulados nos redentes do tecto da sala — facultam ao ensaiador possibilidades indefinidas.

Como, porém, para dar a essa tela panoramica a vida real do céo, seria insufficiente illuminal-a em dia, noite, aurora ou crepusculo, o ensaiador dispõe, além disso, de um engenhoso "apparelho de nuvens". E' uma lampada com duas fileiras de 10 objectivas dispostas em volta della e que, por meio da reflexão de espelhos projectam sobre a tela photographias de nuvens. Os espelhos de cada fileira são inclinados; a sua inclinação é variavel devido a um pequeno motor electrico e o apparelho todo gira em dois sentidos com velocidade variavel. Tanto assim que sobre a tela de fundo as nuvens sobem ou descem, atropelam-se para provocar tempestade ou navegam docemente em esquadras, conforme as necessidades da peça. Uma força electrica de 4.000 watts garante essa projecção, cujo colorido é feito por uma força luminosa de 210.000 watts.

Si o ensaiador quer apenas utilizar a parte anterior da scena, elle tem — lado do pateo — uma segunda tela panoramica de dimensões mais modestas: 24 metros sobre 10 metros apenas de profundidade. Estas duas telas occupam pouco espaço, pois enrolam-se electricamente sobre dois cônes de ferro de cada lado da scena.

E agora, o equipamento da scena. Ao fundo do palco uma Grelha hydraulica, encostada á parede de perspectiva, comprehende 69 talhas em 6 baterias dirigidas á distancia e movimentando nas alturas da abobada e em toda a profundidade do palco, 69 supportes aos quaes ficam pendurados os scenarios ou os apparelhos de illuminação. Nos outros theatros cada supporte precisa 2 homens para manobral-o. Aqui, onde 20 supportes pódem manobrar juntos, seriam precisos 40 homens; ora, graças a esse apparelho hydraulico, um só homem manobra ao mesmo tempo os 20 supportes carregados com 300 kilos cada um, ou seja um total de 6 toneladas, com a velocidade de 1 metro por segundo, — toda a parte mecanica tendo sido preparada nesse sentido.

Comporta isto tudo a organização do palco considerado na sua habitual immobilidade horizontal.

Ora, este palco move-se no sentido vertical sob a fórma de quatro scenas diversas que pódem ser intercambiadas nos dois sentidos, vertical e horizontal.

A scena é, pois, uma immensa gaiola que, além de seus 20 metros de profundidade e 21 de largura, mede 50 metros de altura. E nessa gaiola 4 palcos — denominados vermelho, amarello, azul e verde — manobram livremente, pesando cada um 40 a 50 toneladas.

Dois em primeiro plano, vermelho e verde, estão suspensos a 8 cabos cada

O Dr. Mario Cabral homenageado

O Dr. Mario Cabral ladeado do actual e futuro Prefeito de Nova Iguassú, proceres politicos do Municipio, jornalistas e convidados.

Dr. Mario Cabral, Director dos Serviços da Rio d'Ouro e chefe da 1ª Divisão da Central.

Aproveitando sua visita a Nova Iguassú, onde foi estudar o melhor meio do fechamento da linha nessa estação ferrea, os proceres politicos do Municipio, tendo á frente o Prefeito Coronel Telles de B'ttencourt e a população local, prestaram ao illustre engenheiro Mario Cabral, chefe da 1ª Divisão da Central e Director actual da Estrada Rio d'Ouro, significativa e carinhosa manifestação, d'scursando varios oradores e por fim, o homenageado, que, prometteu realizar dentro em breve o fechamento da linha, sem perigo para o transito publico.

---

um que se enrolam no alto do theatro sobre tambores movidos a electricidade, — cada cabo podendo por si só sustentar a scena, tendo sido feita a experienc'a com 25 toneladas de sobrecarga para calculo da resistencia.

Dois em segundo plano, amarello e azul correm sobre trilhos e estão construidos sobre elevadores.

A manobra é a seguinte: os dois palcos da frente funccionam de cima para ba'xo e de baixo para cima, substituindo-se em primeiro plano, alternando-se verticalmente. Os dois palcos posteriores fazem o mesmo e juntam-se aos da frente, conforme a conven'encia, tanto horizontalmente, com a maxima precisão, como em plano variavel formando escada. Além disso, quando os palcos da frente são reciprocamente o vermelho na abobada, fóra das vistas e o verde tambem, em baixo, o palco de traz póde, deslizando sobre trilho horizontal, installar-se em primeiro plano no espaço que ficou livre, — e, depois de terminado o quadro, voltar atraz, subindo para a abobada ou descendo.

Estas manobras todas, perfeitamente s'lenciosas, requerem agora 100 segundos; daqui a pouco, porém, não precisarão mais de 55.

O resultado é o seguinte: o ensaiador tem á sua disposição 4 scenas sempre completamente equipadas que sobem do fundo, descem das alturas ou vêm de longe, apenas emquanto o velario se fecha e se reabre quasi instantaneamente.

E' preciso accrescentar que esses palcos possuem 12 alcapões moveis, de maneira a se poder crear sem prat'caveis as differenças de nivel que forem necessarias.

Finalmente um systema de ferrolhos com cremalheira immobiliza cada scena a qualquer momento e a qualquer altura, conforme a patente G. Fouilloux, dando a essas manobras giratorias uma absoluta segurança, emquanto que 310 interruptores automaticos impedem qualquer falha.

Do lado do jardim, proximo da machina para mutação da luz está "o posto do commando". E' uma ponte que se assemelha extraordinariamente ao blockhaus de um navio de guerra; é uma immensa gaiola que está installada do lado a meio flanco. Um quadro de commandos electricos, um jogo de lampadas de côres para informações, uma bateria de manipuladores occupam os tres lados desse posto. Um só homem está ali com o telephonio na frente. E, tocando com o dedo este ou aquelle botão elle manobra "ao mesmo tempo" os quatro enormes palcos que sobem, descem, cruzam-se automaticamente diante delle.

De facto, quando fôr montado um espectaculo comprehendendo 4 quadros, — os 4 palcos estando equipados e illuminados de ante-mão — bastará "dois homens", um na ponte de commando, outro no controle da mutação da luz, para accionar todo o espectaculo

Pelo seu lado, o contra-regra manobra hydraulicamente o panno de bocca com um toque de dedo. Elle póde, á vontade, fazer subir ou descer o buraco da orchestra composto de dois tablados move's, permittindo assim augmentar o proscenio, diminuir ou mesmo supprimir completamente o buraco.

Emfim, dissimulados aqui e ali, alto-falantes permittem ao contra-regra dar, a qualquer instante, e em qualquer logar, suas ordens e correções de todos os pontos do theatro.

Toda esta enorme apparelhagem é conduzida por uma central hydraul'ca automatica com uma pressão de 100 kilos e por uma sub-estação electrica recebendo a corrente do sector com 12.000 volts, transformando-a em baixa tensão com uma força de 1.000 cavallos. Foram collocados um milhão de metros de canalisações electricas.

Eis ahi o instrumento de precisão extraordinario de que o senhor André Antoine assumiu o alto commando artistico, tendo como contra-regra geral o senhor Desfontaines.

(GEORGES G. TONDOUZE)

Um cliente exigente

(FIM)

Condensa seus pensamentos em poucas paginas; em tres l'nhas crêa uma atmosphera. "Era uma vez alguns mortos sentados juntos na escuridão, não sabiam onde, em parte alguma talvez, e conversavam uns com os outros "para fazer passar a eternidade". Começa assim um de seus contos, ou por outra, um de seus sonhos fantasticos no qual, segundo o seu habito, o tragico e o macabro estão attenuados pelo "humour" e o imprevisto.

Nas suas obras diversas, mas convergindo todas para o mesmo fim, a mesma obsecção, Lagerkvist mostrou-se um investigador rude da verdade, um poeta terno que se compadece, que soffre pelos outros tanto quando por si mesmo.

Uma de suas peças, "Le moment difficile", foi levada em Paris pela "Compagnie des Jonchets" num de seus recentes espectaculos, em Janeiro ultimo.

Clinica Medica de "Para todos..."

ESTRABISMO

E' um defeito constituido pelo desvio da posição normal de um ou dos dois olhos.

O vulgo dá aos individuos estrabicos a denominação de "vêsgos" ou "tortos dos olhos".

As pr'ncipaes causas do estrabismo são a desigualdade de força dos musculos motores do globo ocular, a differença na sensibilidade de ambos os olhos e a paralysia dos nervos que d'rigem o apparelho motor do globo ocular.

O estranho muscular é quasi sempre devido a perturbações anteriores que destruiram o equilibr'o dos musculos ou o enfraquecimento occorrido na vista, sómente de um lado.

O estrabismo originado pela desigualdade de força dos musculos motores do globo ocular póde ser corrigido cirurgicamente, recorrendo-se á secção dos refer'dos musculos.

A operação consiste em cortar o musculo mais curto, agindo, assim, de fórma a favorecer a sua inserção, num ponto mais afastado da cornea.

Em regra, o estrabismo que não impede a visão regular não deve ser operado. E, para restabelecer o parallelismo dos eixos visuaes, basta cobrir o globo ocular com um vidro de côr preta, apenas transparente na parte central, de modo que o estrabico seja obrigado a olhar unicamente através desse ponto.

Com o mesmo fim, é aconselhado o uso dos hemispherios de madeira ou de panno, tendo ao centro um pequeno orificio.

O estrabismo originado pela differença de sens'bilidade, existente entre os dois globos oculares, póde ser corrigido, estabelecendo-se, por meios adequados, a harmonia das funcções visuaes.

Age o clinico, procurando fortificar o globo ocular mais fraco, tentando enfraquecer o globo ocular mais forte, ou então, praticando os dois processos ao mesmo tempo, conforme as condições especialissimas do caso apreciado.

A melhor conducta a adoptar será cobrir o globo ocular mais forte, emquanto se exerc'ta o globo ocular mais fraco. Entretanto, para não condemnar um dos olhos a uma completa escuridão, o **Dr. Javal**, ophtalmologista em Paris, vulgarisou o emprego de um crivo metallico denominado "concha" e destinado a cobrir, durante algumas semanas, o globo ocular que se apresenta mais forte.

Para corrigir a persistente visão dupla que, em mu'tos casos, acompanha o estrabismo, recorrem os especialistas a um meio palliativo, — obrir o globo ocular mais fraco, empregando uma larga faixa de taffetá.

O estrabismo consequente á paralysia dos nervos que accionam o apparelho motor do globo ocular, póde ser combatido efficazmente, pela electr'sação local, feita com instrumentos apropriados a tal mister.

CONSULTORIO

M. May (R'o) — Sua carta não conseguiu definir o que deseja. Pretende que lhe indique um regimen al'mentar, e um remedio para glandulas. Regimen para emmagrecer, para engordar, para fortificar o organismo ? Quaes as glandulas que necessitam de remedio ? Queira ter a bondade de esclarecer convenientemente o assumpto ?

P. C. (Rio) — Depois de cada refeição principal, tome o "Forxol". Faça, por semana, tres injecções intra-musculares com a "Lipocerebrine". No momento de se recolher ao leito, use "Sedosine" — cem gottas, numa chicara de infuso de m'l'ssa ou de folhas de laranjeira, devendo o liquido ser frio ou morno.

Ita (Campos) — Basta usar tintura de noz vomica 1 gr., tintura de cannabis indica 2 grs., tintura de boldo 3 grs., extracto fluido de condurango 6 grs., hydrolato de t'lia 100 grs., magnesia fluida 1 vidro — um pequeno calice, de 3 em 3 horas.

F. N. (Rio) — Naturalmente houve extravio da carta referida. Tenha a bondade de escrever novamente.

Mãe Infeliz (Rezende) — Basta empregar o sôro hemortatico, si houver a repetição das crises hemorrhagicas. O tratamento geral e reconstituinte deve ser: pela manhã e á noite, meio comprimido de "medullina" (medulla ossea); depois de cada refeição principal, uma colher (das de café), de "Biocalcóse Granulada", em mistura com um pouco de leite ou de matte; e, por semana, tres injecções intra-musculares, com o "Hemo-Cyto Corbiére Infantil". Terminados as doze injecções, escreva, communicando o resultado.

I. G. R. (Lavras) — Use, pela manhã (em jejum), e á noite, "Urophilo" — o conteúdo da medida que acompanha o vidro, num pouco dagua fria. A's refeições principaes, tome 2 compr'midos de "Lactal". Nos intervallos das refeições, use: glycero-phosphato de sodio 10 grammas, extracto fluido de abacateiro 100 grammas — uma colher (das de café) num pouco dagua fria assucarada.

D. O. R. A. (São Paulo) — Approxima-se a estação dos banhos de mar e deve aproveital-a. Internamente, use: valerianato de ammonio 1 gramma, extracto fluido de viburnum prunifolium 2 grammas, xarope de flores de laranjeira 30 grammas, hydrolato de alface 150 grammas — uma colher de 3 em 3 horas. Depo's de cada refeição, tome um confeito de "Ibogaine Nyrdhall". Faça, por semana, tres injecções intra-musculares com o "Strychnarsitol Robin".

Otto (Joinville) — Deve usar: biiodureto de hydrargyrio 15 cent'grammas, iodureto de potassio 8 grammas, extracto fluido de caroba 15 grammas, extracto fluido de salsaparrilha 20 grammas, xarope de quina 300 grammas — uma colher (das de sopa), depois de cada refeição principal. Faça, por semana, 3 injecções intra-musculares, com o "Arshydrargor".

O. D. S. (Alegrete) — Use: aniodol interno 2 grammas, elixir paregorico 3 grammas, tintura de ipéca 4 grammas, xarope de genciana 30 grammas, magnesia fluida 1 vidro — meio cal'ce de 3 em 3 horas.

Vina (Rio Doce) Deve sem demora procurar um especialista, para um exame directo. Póde usar, emquanto não se apresentar ao exame: sulfato de zinco 6 centigrammas, chlorhydrato de cocaina 10 cent'grammas, hydrolato de rosas 15 grammas — uma gotta em cada globo ocular, pela manhã e á noite.

DR. DURVAL DE BRITO.

CABELLEIRAS ONDULADAS

Poucas pessoas sabem que o stallax póde ser usado como shampoo, e que é muito melhor para este fim que qualquer outra substancia. Tem elle uma natural affinidade com o cabello, tornando-o lustroso, avelludado e pronunciadamente ondulado. Uma colherinha das de café cheia de stallax granulado, dissolvido numa chicara dagua quente, é mais que sufficiente para o effeito desejado. O stallax legitimo é vendido nas pharmacias, só em pacotes sellados, contendo uma quantidade sufficiente para fazer-se de vinte e cinco a trinta shampoos. O brilho que empresta ao cabello é inteiramente inimitavel e indescriptivel.

TIMIDO (Rio) — A demora de duas ou tres semanas na resposta é devida não sómente á affluencia de consulentes, como tambem á feitura da revista, que é composta com antecedencia de uma semana. O numero que o senhor lê aos sabbados fica "fechado", isto é, composto na segunda ou terça-feira, para ser paginado, impresso e grampeado na quarta e quinta-feira, afim de na sexta-feira estar prompto. Comprehendeu agora ?

Mantenho o que disse anteriormente. Sua letra movimentada é de uma pessoa imaginosa alegre, em constante agitação, loquaz, communicativa.

Ha tambem signaes de teimosia, pertinacia, firmeza de attitudes e resoluções, não se arrependendo, pelo menos na apparencia, do que disse ou do que fez. Alguma aggressividade, ás vezes. Embora, como deve saber, nada tenha a graphologia com o empirismo dos horoscopos, aqui vae o seu, a pedido: "Os nascidos a 29 de Janeiro estão sob a influencia de Saturno e de Urano, devendo áquelle seus sentimentos nobres, delicados, espirito sonhador, fantasista, e devendo a este a timidez, o acanhamento, o pouco magnetismo pessoal que os leva ao isolamento, á tristeza, á melancolia. Devem evitar o mar, os rios, os lagos, pois estão sujeitos a accidentes nagua, assim como fujam de questões com a Justiça, porque Themis não é a seu favor, e a Libra (balança) que ella empunha, se inclina sempre para o lado do seu adversario..." E chega, não acha ?

CECY (Rio) — Letra sobria: signal de equilibrio, reflexão, moderação, reserva, prudencia. Nota-se uma inquietação qualquer, uma preoccupação absorvente do espirito, pelo menos no momento de escrever, revelando depressão, fadiga, desalento, tristeza. Ha tambem signaes de perturbações da circulação, o que a faz ficar impaciente, nervosa, sem saber, mesmo, o que prefira, tendo opiniões antagonicas sobre o mesmo assumpto.

As pessoas nascidas a 22 de Junho "são de temperamento incontentavel, nunca estando satisfeitas com o que fazem ou com o que lhe fazem. Têm habilidade para a politica e para a arte de curar. Amigas de ver novos horizontes, gostam de viajar e têm muito orgulho dos seus "pergaminhos", falando com insistencia nos seus brazões de familia. Exaggeram-se á mesa comendo ou discursando, o que lhes traz doenças e aborrecimentos para si e para os outros. Está satisfeita ? Ainda bem.

Graphologia

A V I S O

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente, a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permettido para a resposta.

YVANOSKA (Rio) — Interessante sua cartinha. Não tem razão para pensar que eu me zangasse, pois já lhe respondi, não podendo precisar, de momento, o numero do "Para todos..." em que sahiu a resposta, e não tendo tempo agora para dar uma busca na collecção, o que farei assim que tiver uma hora mais livre. "Toque de bem" e escreva. Não se deixe picar por nenhum stegomya, como ameaça, embora elles estejam agora inoffensivos. A amarella foi-se, graças ao Céo... e ao inverno.

MISS TERIOSA (Rio) — Acha, então, que uma simples linha é o bastante para um estudo graphologico ? Emfim, na meia duzia de palavras daquella simples linha de letras pequeninas e irregulares, vê-se minucia, avareza, fadiga, talvez myopia, desordem, nervosismo, volubilidade, amor ao mysterio, um pouco de egoismo nos traços da direita para a esquerda. O córte dos dois unicos tt que ha na sua "longa" carta denota impaciencia, irreflexão, impulsividade...

Caramba !...

CARIOCA SONHADORA (São Paulo) — Franqueza, lealdade, ambição nobre, coragem, enthusiasmo, esperança, alegria de viver, espirito fantasista,

cheio de chimeras e de castellos... de areia. Bondade, indulgencia, sensibilidade, pouca cultura intellectual, o que é pena, pois intelligencia e vivacidade não lhe faltam.

CAROLA (Rio) — Seu "genio" tinha de mudar, mesmo, como terá ainda de soffrer diversas mudanças, pois a caracteristica principal da sua letra continúa a ser a instabilidade, a volubilidade, alguma incoherencia, por essa razão, nas attitudes e opiniões, acceitando hoje o que repudiava hontem, para repudiar novamente amanhã...

Talvez ainda por isso tenha pouco amor á verdade e ás situações claras, definidas. Póde-se corrigir querendo, pois não lhe falta energia e força de vontade reveladas na barra forte com que córta os tt e na maneira de graphar o til do seu nome de familia.

Um pouco de boa vontade e será outra, Dona Carola! Eduque-se fazendo justamente aquillo que não desejar fazer e tendo perseverança no que fizer. Não é tão difficil como parece.

MARIELSA (Tijuca) — Letra fina: delicadeza, sensibilidade extrema, fraqueza, embora saiba ser firme e energica quando assim se faz preciso.

A inclinação accentuada dos traços para a direita é signal de ternura, sentimentalidade, amor proprio susceptivel de se melindrar com a mais leve allusão... ciume. Um pouco de sobranceria e elegancia de attitudes naquelle til do seu penultimo nome. Amor ao confortavel, ás viagens, ao luxo, mesmo.

Desconfiança, receio de ser enganada, prudencia, cuidado até na maneira de assignar seu nome, começando-o do meio de um dos prenomes, ligando o todo com um "paragrapho" que revela bastante personalidade.

LAURO SOARES (Rio) — Não vá esse pseudonymo ser o nome de algum cavalheiro que venha protestar por não ter me encommendado seu estudo graphologico... Sua letra é rapida, denotando actividade constante, cultura, ardor, mobilidade, alguma impaciencia, o que o faz ser, ás vezes, um tanto precipitado...

Pessoa de poucas palavras e de mais acção, tendo, entretanto, eloquencia quando deseja convencer alguem de que sua opinião é a que deve ser adoptada. Espirito organizador, autoritario, gostando de ser obedecido sem observações.

Concatenação de idéas, deducção logica e facilidade de assimilação, o que se vê na maneira de graphar, de um só traço, palavras de muitas syllabas sem levantar a penna do papel.

Rapido em tomar resoluções, não gosta de perder tempo, estando sempre com o espirito preoccupado por mil negocios. Economico sem avareza, ambicioso sem exaggero, procurando se collocar bem na vida com abastança e o conforto que a mesma proporciona.

Um homem moderno, afinal, relegando para um segundo plano sentimentalismo, poesias e outras pieguices dos seculos passados...

GRAPHOLOGO.

MUDARAM-SE OS ESCRIPTORIOS DO "O MALHO"

Os escriptorios da Sociedade Anonyma "O MALHO" mudaram-se para a TRAVESSA DO OUVIDOR, 21, onde serão recebidas, com a attenção de sempre, as ordens de seus annunciantes, agentes e leitores.

As officinas, porém, como a Redacção das diversas revistas desta Empresa, continuam no edificio proprio da Rua Visconde de Itaúna, 419, onde sempre estiveram.

Chagas Syphiliticas

Attesto que soffrendo ha muitos annos de chagas syphiliticas e usando varios medicamentos, só vim a ficar bom com o uso do poderoso depurativo do sangue "ELIXIR DE NOGUEIRA", do Pharmaceutico - Chimico Sr. João da Silva Silveira.

Recife, 11 de Outubro de 1927.

MANOEL CARNEIRO DE CARVALHO

(Firma reconhecida)

Confirmo o attestado supra.

Recife, 12 de Outubro de 1927.

PROF. DR. LUIS DE GóES

Syphilis!

SO' O GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE

"ELIXIR de NOGUEIRA"

MINIATURA DA CAPA D'"O MALHO" DE HOJE

O TICO-TICO

O MELHOR E O MAIS POPULAR SEMANARIO PARA A INSTRUCÇÃO DAS CREANÇAS

AS creanças necessitam de proteina para o seu crescimento. A proteina é o elemento que mais concorre para a formação dos musculos e dos tecidos, promovendo o desenvolvimento physico e intellectual das creanças.

QUAKER OATS tem mais proteina do que qualquer outro cereal: dezeseis por cento! Além disso, possue abundante quantidade de carbohydratos, productores da energia organica. E' rico em mineraes e vitaminas. E', tambem, um alimento admiravelmente proporcionado, com relação ao seu volume, auxiliando tambem a digestão.

Todos os individuos—homens e mulheres—na infancia, na adolescencia e em pleno vigor da vida, necessitam assimilar elementos productores de saude e energia, que, aliás, constituem a natureza intima de QUAKER OATS. Demais, este alimento é de um sabor delicioso, economico e facil de ser preparado. Experimente-o agora e, dentro de poucos dias, sentirá os seus beneficos effeitos.

Exija a lata Quaker. Verifique a marca e a conhecida figura do Quaker, adquirindo assim a certeza de obter genuino Quaker Oats.

Quaker Oats

!006

para 1930

JÁ EM ORGANISAÇÃO

O MAIS COMPLETO, LUXUOSO E ARTISTICO ANNUARIO CINEMATOGRAPHICO

Cinearte-Album

EDIÇÕES ESGOTADAS EM 5 ANNOS SEGUIDOS

Centenas de retratos a côres dos mais famosos artistas do Cinema, alem de muitas trichromias lindissimas

ORIGINALIDADE
BOM-GOSTO
EXCLUSIVIDADE

Soc. Anonyma **O MALHO** — Rio de Janeiro

QUEIRÓS
RIO

Officinas graphicas d'O MALHO